



# **Recenseamento Geral da População e da Habitação**

## **Censo 2000**

### **Fecundidade**

**INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA  
REPÚBLICA DE VERDE**

# **FECUNDIDADE**

**CENSO 2000**

**Catálogo recomendada:**  
**INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA**  
Fecundidade – RGPH 2000 de 2001 - 97 pág.  
**Presidente**  
Francisco Fernandes Tavares

**Editor**  
Instituto Nacional de Estatística – Gabinete do Censo 2000

**Sede**  
Av. Amílcar Cabral, CP 116

Telefone: 61.38.27  
Fax: 61.16.56  
E-mail: [inecv@mail.cvtelecom.cv](mailto:inecv@mail.cvtelecom.cv); [inecv@ine.gov.cv](mailto:inecv@ine.gov.cv)

**Impresso**  
Tipografia .....

**Tiragem:** 500 exemplares

#### ***ESCLARECIMENTOS SOBRE O TEMA***

✓ Dr. Carlos Alberto do Rosário Mendes - Tel.: 61.30.40/ 92.91.56  
e-mail: [cmendes99@yahoo.com](mailto:cmendes99@yahoo.com); [cmendesr2001@hotmail.com](mailto:cmendesr2001@hotmail.com)

**O INE na Internet:**

**[www.ine.cv](http://www.ine.cv)**

## **LISTA DE QUADROS, GRÁFICOS E ANEXOS**

### **QUADROS**

- 01: Variação da probabilidade de alargamento das famílias ( $a_n$ ) por número de nascimento segundo o meio de residência ;
- 02: Taxa bruta de natalidade por meio de residência ;
- 03: Índice sintético de fecundidade por meio de residência ;
- 04: Índice sintético de fecundidade segundo os grandes concelhos ;
- 05: Número médio de filhos nascidos vivos atingidas por jovem rapariga segundo meio de residência;
- 06: Taxa específica de fecundidade e contribuição relativa das jovens na fecundidade total segundo meio de residência ;
- 07: Índice sintético de fecundidade segundo a situação matrimonial ;
- 08: Índice sintético de fecundidade e descendência final por nível de instrução ;
- 09: Índice sintético de fecundidade por Nível de conforto segundo meio de residência ;
- 10: Quadro evolutivo número médio de filhos nascidos vivos por mulher para o período 1980-2000;
- 11: Evolução estrutura de fecundidade para o 1990-2000;
- 12: Número médio de filhos nascidos vivos por jovens raparigas atingido(1990-2000)
- 13: Taxa específica de fecundidade e a contribuição relativa das jovens na fecundidade total por meio de residência para o período 1990- 2000 ;

## GRÁFICOS

- 01: Número médio de filhos nascidos vivos segundo o grupo etário da mãe;
- 02: Taxa bruta de natalidade por meio de residência;
- 03: Taxa global de fecundidade por meio de residência;
- 04: Taxa global de fecundidade por ilha;
- 05: Variação da taxa específica de fecundidade por meio de residência;
- 06: Idade média à procriação por meio de residência;
- 07: Índice sintético de fecundidade segundo a situação matrimonial ;
- 08: Evolução do número médio de filhos por mulher segundo o período 1980-2000;
- 09: Evolução da descendência final para período 1980-2000;
- 10: Evolução do índice sintético de fecundidade para o período 1980-2000;
- 11: Evolução do índice sintético de fecundidade por meio de residência para o período 1990, 2000;
- 12: Evolução da estrutura de fecundidade para o período 1980-2000;
- 13: Evolução da idade média à procriação para o período 1980-2000

## ANEXO

01: Variação da probabilidade de alargamento das famílias ( $a_n$ ) por número de nascimento segundo ilhas;

02: Número de filhos nascidos vivos por grupo etário da mãe segundo o meio de residência,

03: Taxa bruta de natalidade e taxa global de fecundidade por ilha ;

04: Taxa específica e índice sintético de fecundidade segundo a ilha ;

05: Mulheres em idade fértil (15-49 anos) segundo o meio de residência e ilha ;

06: Mulheres em idade fértil (15-49 anos) segundo a ilha ;

## ÍNDICE

INTRDUÇÃO .....	4
CAPITULO I CONTEXTO E ASPECTOS METODOLÓGICOS.....	6
1.1 Introdução.....	6
1.2 Contexto .....	9
1.2.1 Sócio-político.....	
1.2.2 Sócio-económico .....	
1.2.3 Sócio-cultural.....	
1.3 Aspectos metodológicos .....	
1.3.1 Varáveis consideradas.....	
1.3.2 Método de recolha.....	
1.3.3 Método de análise .....	
1.3.4 Conceitos e definições .....	
1.3.4.1 Natalidade e fecundidade .....	
1.3.5 Avaliação dos dados.....	
1.3.5.1 Avaliação qualitativa .....	
1.3.5.2 Avaliação quantitativa.....	
CAPÍTULO II NÍVEL E ESTRUTURA DA FECUNDIDADE .....	25
2.1 Introdução.....	
2.2 Fecundidade passada .....	26
2.2.1 Avaliada pelo numero médio de filhos nascidos vivos e descendência final .....	27
2.2.2 Avaliada pela probabilidade de alargamento da família .....	28
2.3 Natalidade actual .....	30
2.3.1 Método de Ajustamento .....	31
2.3.2 Natalidade ao nível nacional .....	35
2.3.4 Natalidade ao nível da ilha .....	
2.4 Fecundidade Actual.....	36
2.4.1 Nível de fecundidade examinado pela taxa global de fecundidade.....	36
2.4.1.1 Ao nível nacional.....	
2.4.1.2 Ao nível da ilha .....	
2.4.2 Nível de fecundidade examinado pelo índice sintético de fecundidade .....	36
2.4.2.1 Ao nível nacional e dos grandes centros urbanos.....	
2.4.2.2 Ao nível alguns grandes concelhos do país .....	
2.5 Estrutura da fecundidade actual .....	
2.5.1 Examinada pela taxa específica de fecundidade(%o) por grupo etário.....	44
2.5.2 Variação da idade média à procriação.....	
2.6 Fecundidade das adolescentes(12-19 anos).....	48
2.6.1 Examinada pelo número de filhos nascidos vivos atingidos .....	
2.6.2 Examinada pela contribuição relativa para a fecundidade .....	

CAPÍTULO III	DETERMINANTES DA FECUNDIDADE .....	51
3.1	A SITUAÇÃO MATRIMONIAL.....	52
3.1.1	Variação no índice sintético de fecundidade.....	
3.2	O NÍVEL DE INSTRUÇÃO .....	56
3.2.1	Variação no número de filhos nascidos vivos atingidos .....	
3.2.2	Variação no índice sintético de fecundidade.....	
3.3	O NÍVEL DE CONFORTO .....	59
3.3.1	Variação no índice sintético de fecundidade .....	
CAPÍTULO IV	TENDÊNCIA DA FECUNDIDADE .....	61
4.1	Tendência do nível da fecundidade .....	62
4.1.1	Examinada pelo número médio de filhos nascidos vivos atingidos .....	62
4.1.2	Examinada pelo índice sintético de fecundidade.....	65
4.1.2.1	Ao nível nacional.....	
4.1.2.2	Ao nível urbano/rural .....	
4.2	Tendência da estrutura da fecundidade .....	69
4.2.1	Examinada pela taxa específica de fecundidade(%o) ao nível nacional .....	69
4.2.2	Variação da idade média à procriação.....	
4.3	Evolução do nível de fecundidade dos adolescentes.....	
SÍNTESE E CONCLUSÃO	.....	75
ANEXO.....		78
BIBLIOGRAFIAS.....		84



## **INTRODUÇÃO**

Cabo Verde é um dos raros países africanos, com uma alguma tradição no domínio das operações de recolha, nomeadamente os recenseamentos. Neste sentido, Cabo Verde vem realizando duma forma regular os seus Recenseamentos Demográficos. Pesquisas anteriores reportam que o primeiro Censo realizado no território nacional foi em 1878.

Contudo, desde a Independência, o arquipélago conta com três censos a saber: o de 80, 90, e agora em 2000 com a particularidade destes incluírem a componente Habitação. Graças às estas operações, hoje podemos conhecer, com um pouco mais de precisão, que a taxa de crescimento anual médio da população de Cabo Verde é na ordem dos 2,4% para o período (1990-2000). Isto é,

A densidade populacional passou de 85,7 habitantes/km<sup>2</sup> em 1990 para 109,1 habitantes/km<sup>2</sup> em 2000, isto é, um aumento na ordem dos 27,3%. A fecundidade, é sem dúvida o fenómeno que muito contribui para este acréscimo. Neste sentido, vem adoptando uma política que visa a diminuição ou seja o abrandamento progressivo do seu nível.

Neste prisma, para melhor ajudar na orientação da política do abrandamento da Natalidade/Fecundidade, é importante que se faça regularmente a avaliação do estado e do conhecimento do nível e da tendência diferenciada da fecundidade em Cabo Verde.

O terceiro Recenseamento Geral da População e Habitação, realizado no território nacional após a independência, que decorreu de 16 a 30 de Junho de 2000, instituído nos termos do Art.º 16º do Decreto-lei n.º 39/, tem como objectivo primeiro, o de proceder a um inventário exaustivo por sexo, idade, nacionalidade, segundo diversas características económicas, culturais e sociais. Tratar, igualmente os dados, relacionados com os movimentos naturais nomeadamente os da natalidade, mortalidade e migração foi também um dos objectivo preconizados nesta operação. Enfim, a mesma, teve ainda por objectivo, fazer uma apreciação quantitativa das condições habitacionais dos agregados familiares.

Em relação aos movimentos naturais, destaca-se para este trabalho, a Natalidade(objecto deste documento). O Censo-2000 permitiu ter as informações sobre o número total de filhos nascidos vivos e dos nascimentos nos últimos 12 meses que antecederam a data da realização deste Censo, relativas a todas as mulheres de 12 anos ou mais.

A fecundidade é um fenómeno que está intimamente ligada à procriação humana, em termos do número efectivo de filhos das mulheres em idade reprodutiva. Do ponto de vista demográfico, a análise da fecundidade tenta medir em que grau e como vão ocorrendo estes nascimentos, visto que, eles(os nascimentos) vão, conjuntamente com a mortalidade e a migração, determinar o crescimento e a estrutura da população de um país.

As informações que este Censo proporciona, relativamente aos nascimentos, permitem-nos fazer um estudo da fecundidade no país, ao nível das unidades administrativas e segundo o meio de residência em consonância com as características socio-económicas e culturais, nomeadamente o nível de instrução, e a situação matrimonial.

O presente trabalho, que pretende fazer uma análise dos dados do Recenseamento relativos à fecundidade, estrutura-se em quatro capítulos.

O primeiro, é consignado ao contexto e aspectos metodológicos. Neste, faz-se uma abordagem contextual do tema “fecundidade”, tanto ao nível institucional, como social; a sua importância e interesse, enfatizando o seu enquadramento nos grandes objectivos propostos para . O mesmo aborda ainda, a metodologia de recolha, salientando, a avaliação da qualidade dos dados, na vertente qualitativa e quantitativa, destacando ainda algumas limitações ou barreiras com que se defronta ao analisar este importante fenómeno demográfico.

No segundo capítulo, destaca-se o nível e a estrutura da fecundidade ressaltando a comparação entre a fecundidade passada e a recente, a fecundidade dos adolescentes entre outros aspectos importantes.

O terceiro será consagrado aos factores diferenciadores ou determinantes da fecundidade, nomeadamente, os da ordem socio-económico, e socioculturais, realçando o efeito ou as influências dessas variáveis neste fenómeno.

A análise da tendência da fecundidade fará objecto do quarto capítulo. E por fim, o trabalho contará com uma síntese e as principais conclusões.

Importa destacar nesta abordagem introdutória que, o estudo da fecundidade não permite que se desagregue muito na análise e, por isso, será feito e interpretado a nível Nacional, Urbano/Rural, de acordo com os contextos tratados no Capítulo I. E, quando possível será feita uma abordagem geral a nível de todas as ilhas e para algumas ilhas nomeadamente Santiago e S.Vicente e também para os grandes concelhos (Praia, S.Vicente, Santa Catarina, Santa Cruz e Tarrafal). O mesmo estudo contará também com análise para S.Vicente urbano e a Praia urbana .

# CAPÍTULO I - CONTEXTO E ASPECTOS METODOLÓGICOS

## 1.1-INTRODUÇÃO

O padrão reprodutivo duma população e a estrutura por idade da população feminina em idade fértil (o que pode estar profundamente influenciado pela migração), são dois elementos determinantes do número de nados vivos no seio duma população durante um determinado ano. Estes, por seu turno encontram-se também intimamente relacionados com muitos aspectos, nomeadamente, a saúde materno-infantil e aspectos sociais ligados à formação das famílias.

A fecundidade, ou seja o comportamento reprodutivo duma população é aqui e em toda a parte considerada como a variável chave em matéria de transição demográfica. Neste sentido, é através da análise socio-demográfica que determinaremos os principais indicadores, necessários e esperados para planificação, execução, seguimento e avaliação de algumas políticas e programas de desenvolvimento do país.

Para que se possa fazer uma análise mais concisa do tema, que ora se desenvolve, aliás cujo o objectivo é de "estudar" a fecundidade das mulheres cabo-verdianas em idade fértil, há que relacioná-lo e enquadrá-lo no âmbito do objectivo geral proposto para esta matéria. É assim, que, na Política Nacional da População(PNP) aprovado em Agosto de 1995 encontram-se contemplado, como um dos grandes objectivos propostos, no que concerne à Natalidade/Fecundidade até o ano 2000, o seguinte: "*Reduzir os níveis de crescimento demográfico*". Para tal, entre outras estratégias a que parece mais viável passaria pela redução do nível de fecundidade. A mesma, por seu turno, carece de realizações de algumas actividades tais como:

- ✓ O melhoramento e o alargamento dos serviços de planeamento familiar;
- ✓ O aumento da prevalência contraceptiva, da formação e educação;
- ✓ A diminuição de gravidezes precoce, da pobreza, etc.

A PNP vai mais longe citando mesmo o nível de redução da fecundidade pretendida ou esperada. Isto é:

- ✓ Reduzir do nível de fecundidade de 5,8 em 1990 para 4,7 filhos médio por mulher em idade reprodutiva,
- ✓ Reduzir de 1995 a 2000, de 20% a 50%, respectivamente as gravidezes nas mulheres de menos de 20 anos e nas de 35 anos e mais,
- ✓ Aumentar até o ano 2000 a cobertura das consultas de PF de 20% por ano.

É, pois, neste quadro, que o Instituto Nacional de Estatística, na sua política de recolha de dados, introduziu, no âmbito do RGPH-2000, questões que nos permitissem medir o grau de consecução dos grandes objectivos preconizados para esta pesquisa, proporcionando assim a satisfação dos objectivos gerais para Cabo Verde neste domínio, Isto é:

- Estimar a Intensidade da fecundidade em Cabo Verde;
- Descrever as estruturas da fecundidade ao nível nacional e em particular as variações dos índices de fecundidade segundo a idade e a situação matrimonial da mulher,

A análise do tema objectiva também caracterizar a fecundidade segundo as influências que recebe das diversas variáveis explicativas, tais como o nível de instrução, o meio de residência e nível de conforto,

Em contraposição a tudo isso, salientamos que a ausência de estudos, análises aprofundadas da fecundidade em Cabo Verde no que concerne aos dados dos Censos, embora tenha existido uma análise não publicada referente à fecundidade no Censo 90, as evidências existentes parecem apontar para uma certa prudência quanto à sua perspectiva,

Contudo a tendência que se tem verificado nestes últimos 20 anos e testemunhados com alguns factos existentes sobre este tão importante fenómeno demográfico, a partir do Inquérito à fecundidade datado de 1988, as acções levadas a cabo no quadro das políticas sectoriais e ultimamente confirmado pelo IDSR-98, apontam que a fecundidade cabo-verdiana, continuará a baixar, mas de uma forma lenta, até pelo menos o ano 2010 (último ano com as estimativas existentes disponíveis).

Esta relativa lentidão deve-se principalmente ao peso de alguns factores tais como a fraca taxa de prevalência contraceptiva (menos de 25% em 1993)<sup>1</sup>, e o baixo nível de instrução dum número significativo de mulheres, particularmente as do meio rural etc. Porém, para além deste último factor, se associarmos ainda uma provável reaparecimento do fenómeno “gravidezes precoces”, que juntos, têm contribuído de uma certa forma, para que o nível de fecundidade seja ainda relativamente elevado principalmente em algumas camadas. Mas, este fenómeno tem que ser um pouco relativizado porque apesar de vermos quase que crescentemente este nas ruas e as jovens grávidas pode ser que em termos proporcionais este fenómeno não tenha aumentado. Facto este iremos dar conta mais adiante neste documento.

É de realçar, contudo, que apesar de o considerarmos relativamente elevado, ele vem diminuindo ao longo dos últimos 20 anos, consequência directa e relacionada com, vários factores dentre os quais: o aumento do nível de instrução e também o aumento de conhecimento e da utilização de métodos anticoncepcionais (16,2% em 1988 para 36,7% em 1998)<sup>2</sup>.

---

<sup>1</sup> PNP pag 6

<sup>2</sup> IDSR-98 pag52

Relativamente aos factores que foram determinantes no declínio do nível de fecundidade, podemos dizer que até ao final da década de 70 aproximadamente, a população cabo-verdiana não tinha um comportamento virado para o controlo dos nascimentos. Mas, após este período, o declínio de fecundidade deveu-se principalmente a dois aspectos fundamentais: efeito da escolarização e da urbanização.

Estes, por sua vez, viram-se reforçados com as actividades de planeamento familiar que conheceu um certo desenvolvimento durante a década de 80. A evolução de alguns indicadores sociais como por exemplo o aumento repentino da taxa de escolarização principalmente a das raparigas, o aumento do uso dos métodos contraceptivos modernos, etc, permitem-nos hoje, e graça aos resultados do Censo 2000 perspectivar que nos próximos anos o nível de fecundidade continuará a baixar.

Nesta óptica, o grande interesse da análise do tema ora apresentado, reside exactamente no facto de que, apesar de ser a segunda, mas, com importância de ser a primeira análise dos dados referentes à fecundidade realizada no âmbito dum Censo em Cabo Verde<sup>3</sup>, permite-nos também saber até que ponto os objectivos propostos para Cabo Verde e as ansiedades dos grandes utilizadores das informações relacionados com a fecundidade, vão sendo parcial ou integralmente atingidos. Ou, se os mesmos ficam aquém das expectativas, principalmente para as instituições que lidam directamente com esta problemática.

É claro que, os especialistas, ou aqueles que vêm seguindo mais de perto a evolução da fecundidade, vêem, que desde 1980 (aproximadamente) a tendência é claramente decrescente. Segundo os últimos dados oficiais, o índice sintético de fecundidade (ISF) em Cabo Verde passou de 7,05 no período 1979-1981 para 5,95 no período 1985-88 e 4,03 filhos por mulher para o período de 1995 - 1998<sup>4</sup>.

Para melhor observar as tendências da fecundidade, há que se comparar o (ISF) para um período mais recente e o número médio de filhos nascidos vivos das mulheres de 45-49 anos ou descendência atingida aos 50 anos. Assim, desta comparação, pode-se deduzir que houve um declínio de fecundidade em Cabo Verde nos últimos 20 anos com a maior magnitude a registar-se no meio urbano.

A análise deste tema tem ainda uma capital importância na medida em que pode acrescentar valor ao conhecimento da fecundidade e poder-se-á falar com base em maior número de informações sobre a fecundidade em Cabo Verde.

---

<sup>3</sup> A primeira tinha sido realizada e não publicada em 1990

<sup>4</sup> *IDSR-98 pag 40*

## 1.2-CONTEXTO

### 1.2.1-Contexto socio-político da Fecundidade

Desde sempre, e em todas as sociedades o nascimento duma criança é considerado como um evento de muita alegria. Muitos, consideram que a *gravidez é um momento privilegiado da vida*, pois gerar e criar filhos, são dimensões humanas em transformação, mas ainda são importantes porque a criança é o elemento mais importante e precioso que pode existir no período logo após ao casamento de duas pessoas. Aquelas, são consideradas como um bem social de grande valor como alguém um dia disse *“as crianças são as flores da nossa revolução”*<sup>5</sup>. Elas, são muitas vezes consideradas como a estabilidade da união proporcionando assim um ambiente favorável para uma forte fecundidade. Os nascimentos, que tanto contribuem para a renovação das gerações (elemento de sucessão e multiplicação), podem muitas vezes constituir uma desvantagem para o desenvolvimento Socio-económico de um país.

É assim, que em princípio, a generalidade dos governos nos países em desenvolvimento procuram levar a efeito um maior número de iniciativas, no sentido de que as populações aceitam por completo o planeamento familiar. Prevê-se até que em alguns casos se possa chegar a situação em que os respectivos governos fixam o limite de um ou dois filhos por família, como é o caso de alguns países por exemplo a China e Coreia do sul.

A nível dos comportamentos individuais, as pessoas irão tendo a noção das vantagens das famílias de pequena dimensão, à medida que a industrialização fizer reduzir a mortalidade infantil. Como consequência da revolução contraceptiva e das comunicações a maior parte dos habitantes da terra tomarão consciência de que vantajoso limitar o número de nascimentos.

Depois de algum período de histórias, Cabo Verde tinha uma comportamento favorável à estimulação da natalidade, influenciada talvez pelo poder produtivo que os filhos tinham, em que se tornou célebre a expressão *“fidjo é riqueza di nós terra”*. Mas após a primeira Conferência Internacional sobre a População realizada em Bucareste (Roménia, 1974), numerosas actividades vem sendo desenvolvidas visando, entre outros objectivos, o abrandamento da natalidade, por forma a estabelecer um equilíbrio relativo entre o crescimento demográfico e os crescimentos económico.

Neste particular, as crianças de Cabo Verde, conheceram após a Independência, um conjunto de normas abrangendo a definição da sua condição jurídica das mesmas, estabelecendo por conseguinte os seus direitos e deveres e fixando os órgãos que deviam incumbir-se da sua protecção.

Neste sentido, com a promulgação do Decreto-lei n.º 84/76 de 25 de Setembro, abandonou-se a diferença entre filhos nascidos dentro e fora do casamento, regulamentando-o com base no princípio da igualdade.

---

<sup>5</sup> Amílcar Cabral na sua célebre máxima.

A Constituição da República de Cabo Verde (Revisão 1999) contempla o dever de prestação de assistência, designadamente quanto à alimentação, guarda e educação, pelos pais e mães, aos filhos nascidos dentro e fora do casamento.

É assim que neste contexto e relativamente à saúde materno-infantil, as mulheres contam desde 1977 com o programa PMI/PF que as acompanha durante a gravidez e a lactação e algumas medidas de protecção dos direitos das crianças e à promoção da saúde materno-infantil.

Este programa, implantado inicialmente em 15 unidades espalhadas por todo o país, tem como objectivo prestar, de forma gratuita, serviços na área de planeamento familiar e protecção materno-infantil.

A política de saúde privilegia a prevenção e a melhoria do acesso aos cuidados de saúde. É assim que o serviço de protecção materno-infantil planeamento familiar através da prestação de cuidados pré natais à mulher grávida e atenção à criança durante o primeiro ano de vida procura materializar as orientações que visam a protecção da criança.

Em 1983, Cabo Verde contava com 50 estruturas de PMI/PF, implicando todos os dois hospitais do país, 85,5% dos centros de saúde, 65,2% postos de saúde e 25,7% são unidades sanitárias de base. Este aumento verificou-se sobretudo em relação às unidades sanitárias de base passando de 0 para 17, o que demonstra uma grande vontade da massificação destes serviços ao nível das zonas periféricas. Já em 1999, a PMI/PF tinha uma cobertura que rondava os 81% para as crianças de menos de 1 ano.

Ainda, orientada para a defesa das mulheres importa sublinhar que foi criado muito recentemente uma organização não governamental denominado pela sigla VERDEFAM, afilhada à Federação Internacional para o Planeamento Familiar (IPPF) cujos objectivos consistem entre outros nos seguintes:

- ✓ Promoção das iniciativas eficazes de debate e de sensibilização aos problemas relativos à saúde reprodutiva em geral, e ao planeamento familiar, em particular;
- ✓ Intervenção no domínio do planeamento familiar e da saúde materno-infantil afim de promover uma paternidade responsável, isto é de permitir às famílias uma escolha quanto ao número de filhos que elas desejariam ter, garantindo as condições dignas de saúde e de existência;
- ✓ Criar condições visando a diminuição das situações que podem conduzir à interrupção voluntária de gravidezes.

Praticamente, três décadas já se passaram após as grandes mudanças estabelecidas pela contracepção no mundo, e em Cabo Verde este fenómeno só começou a surtir efeito a partir de 1980. Ao par disso, nos últimos anos, alguns estudos foram feitos em Cabo Verde e são indicativos de que :

- As mulheres desejam claramente ter menos filhos, pois o número médio ideal de filhos por família ronda os 2;
- Buscam crescentemente a contracepção. Em Cabo Verde, a procura total é de 47% para todas as mulheres de 15-49 anos e de 67% para as mulheres casadas ou em união;
- Existem conflitos entre o significado que a maternidade tem nas suas vidas e o desejo concomitante de usar contraceptivos;
- O uso de contraceptivos, longe de permitir a separação entre a sexualidade e a maternidade, representa em muitos casos a necessidade de preservar a saúde.

Conscientes da importância para as famílias e, consequentemente, para o país com uma população relativamente jovem, as autoridades competentes e a sociedade civil vêm promovendo o acesso das mulheres aos centros de controle de maternidade e de planeamento familiar, através de programas próprios e específicos.

Assim, parece que, se por um lado, para a maioria das mulheres o modelo de redução do número de filhos, remete-as para o mundo da contracepção por outro lança-as também para uma situação em que buscam poder atender com mais cuidados e afectos os filhos que já possuem, correspondendo de forma mais adequada às necessidades afectivas e materiais dos filhos.

Ainda, no contexto sócio-político, o Decreto lei 78/79 de 25 Agosto, protege a liberdade de determinação para o acto sexual, pune os abusos sexuais, considera a idade de 16 anos para a maioridade sexual e impõe um agravamento especial de pena para os casos em que a menor é vítima e não tenha completado 12 anos de idade ou em que tenha havido violação. Neste particular, continua sendo preocupante o fenómeno das gravidezes precoces e das suas consequências que nos jovens e no país em geral.



### **1.2.2- Contexto sócio- económico da Fecundidade**

No contexto económico, podemos dizer que a fecundidade em Cabo Verde não foge a regra geral da relação existente entre a fecundidade e a ocupação. Se, por um lado é sabido que, embora existam algumas evidências de que há uma relação causa efeito entre o trabalho das mulheres e o número de filhos, e que parece razoável deduzir, que esta relação mereceria uma análise relativa e dependeria sobretudo do tipo de ocupação, salário, motivação, e posição ocupada, isto é, se é empregada ou empregadora, por outro, entrar no mercado de trabalho, sofrer as consequências das desigualdades baseadas nas discriminações de formação ou de género e continuar com a carga dos trabalhos domésticos sem, contudo, compreender este quadro, de facto pode fazer muito pouco para fortalecer suas capacidades de implementar suas opções reprodutivas.

A relação entre a fecundidade e o trabalho feminino não ocorre em uma só direcção. De um lado, é bastante conhecida a associação entre a posição socio-económica e o nível da fecundidade. Os grupos sociais mais pobres e menos instruídos apresentam taxas de fecundidade mais elevadas, enquanto o inverso ocorre entre os segmentos mas escolarizados e de rendimento mais elevado. Por outro lado, são as mulheres mais escolarizadas aquelas cuja presença é mais acentuada no mercado de trabalho, porque podem ter actividades mais gratificantes e bem remuneradas, que compensam os gastos com infra-estruturas domésticas necessárias.

A família, que, outrora, organizava tanto a produção como a reprodução, vê o filho a perder o seu valor como recurso produtivo da família, principalmente nas áreas urbanas, para se transformar em investimento de risco cuja presença ainda dificulta o trabalho remunerado da mãe. A transição de uma situação em que a criança, de valor económico passou a custo, e a aceitação de que a promoção social é incompatível com uma descendência numerosa, o isolamento da família em relação à comunidade, o desenvolvimento de uma cultura contraceptiva e de procura de máxima satisfação intimista, que levou no limite, a que progressivamente as crianças, numa óptica quantitativa, tenham sido excluídas do processo.

Nas famílias mais pobres, sem meios próprios, a sobrevivência se dá numa situação em que algumas necessidades básicas (os cuidados dos filhos menores, por ex.) são subjugadas a outras, com igual importância (a provisão de renda pela mãe) o que confirma uma situação contraditória, socialmente determinada. Contrariamente, nas famílias menos pobres, a entrada da mãe na força de trabalho ajuda a garantir a escolarização dos filhos, e a reprodução de uma situação social relativamente privilegiada.

Nesta óptica, o empobrecimento e a urbanização de grandes contingentes da população tornam crescentemente necessária a diminuição da prole tanto pela necessidade de participação feminina na força de trabalho, como pelo aumento do custo monetário devido à sustentação dos filhos. Assim, é importante apontar que o desejo de usar contraceptivos não é necessariamente um indicador da vontade de inserção no mercado de trabalho. No entanto, a exposição a desejos e necessidades de trabalho podem levar ao uso de contraceptivos, especialmente, adolescentes e mulheres mais novas, expostas a novas experiências de vida.

Com um processo de socialização ampliada, certamente poderão compreender a contracepção como algo que as remete para o mundo público no sentido de planearem maior autonomia para si mesmas. Este grupo de mulheres, sem negarem o desejo da maternidade poderão adiá-la, se perceberem outras possibilidades de realização para suas vidas.

### ***1.2.3-Contexto sociocultural da fecundidade***

*"Como é constituicionalmente conhecido, a família é o elemento fundamental e a base de toda a sociedade<sup>6</sup>."*

Compreender a problemática relacionada com as questões demográficas de Cabo Verde passa necessariamente pelo conhecimento aprofundado dos valores, comportamentos e atitudes que caracterizam a sociedade e a cultura do Homem cabo-verdiano.

Para análise da fecundidade, há, pois, que ter em devida conta os aspectos socioculturais, que de uma forma directa, ou indirecta têm influenciado a dinâmica da fecundidade em Cabo Verde. Neste sentido, para melhor compreender a história e a tendência da fecundidade em Cabo Verde ao longo desses anos, há que enquadrá-lo no que é visto a fecundidade antigamente. É assim, que, se considerarmos que a população cabo-verdiana é maioritariamente católica, um filho só era visto e aceite no seio do matrimónio.

No contexto, embora actualmente, em Cabo Verde a idade média à primeira união seja relativamente mais elevada do que há 20 anos atrás (isto é, a média das idades na primeira união era de 27,3 anos para os homens e 24,5 para as mulheres), e que também as jovens tenham um nível de escolarização mais elevado do que as das gerações anteriores, e se conjugarmos isso com o facto dos pais estarem a sugerir que as informações referentes a sexualidade e contracepção sejam ampliadas pelos meios de comunicação, pelas escolas e serviços de saúde, além da própria família, elas entram cada vez mais novas para a vida fecunda. O que aliás, é um fenómeno que esta a merecer atenção de todos mas ainda sem solução á vista.

Se, a estes factos, juntarmos ainda o de que, actualmente o matrimónio não seja o único quadro social relacionado com a sexualidade e as concepções de nascimentos pré-nupciais, factos esses, que contribuem como um dado adquirido para manter um ambiente "favorável" do nível da fecundidade, consideramos apesar de tudo isso, que a fecundidade esteja em declínio. O que irá ser explicado e esclarecido no momento da análise propriamente dito.

Em função do exposto, pensamos que a problemática da fecundidade só pode ser verdadeiramente compreendida se nos socorrermos de dois vectores: o contexto internacional e o nacional. Assim, antes de mais, interessa conhecer a especificidade da fecundidade e as linhas gerais de convergência no contexto internacional para melhor nos enquadrarmos. A resolução do problema demográfico é, portanto uma condição necessária para o desenvolvimento de um país. Consequentemente, era urgente uma política articulada e coerente de planeamento familiar que tenha em conta a adaptação das mentalidade, das culturas, das crenças e da rigidez das estruturas sociais

---

<sup>6</sup>*Título V da Família Artigo 86º- Protecção social e do estado*

No entanto, a própria diversidade sociocultural das diferentes ilhas que integram o todo nacional, o tipo de actividade económica predominante, os níveis de urbanização existente conjugado com o facto de que, a grande maioria da população é de origem camponesa, que transporta consigo valores e comportamentos próprios de uma sociedade essencialmente rural e tradicional, cujos alguns padrões de comportamento, ainda são notórios, a fecundidade em Cabo Verde não deixará de reflectir traços culturais diferenciados.

Sabe-se hoje, que, em Cabo Verde o aumento de níveis de escolaridade das mulheres consta na PNP como uma das directrizes a seguir para a redução da fecundidade. Neste contexto é comum dizer-se que o nível de instrução influi directa ou indirectamente sobre a nível de fecundidade, determinando, portanto, a sua redução. Neste sentido, e em princípio parece legítimo pesar que existem fortes relações entre a escolaridade das mulheres e a idade ao casar, o tamanho desejado de família, e uso de contraceptivos.

### **1.3 -CONSIDERAÇÕES METODOLÓGICAS**

A fecundidade, como uma variável microdemográfica<sup>7</sup>, é um indicador demográfico que, em conjunto com outros, permitem medir o nível de desenvolvimento socio-económico e cultural de um país. As estatísticas sobre a fecundidade são indispensáveis para o estudo das perspectivas de crescimento da população de um país, a avaliação provável da estrutura por idade deste país e os prováveis efeitos das mudanças económicas e sociais. Neste contexto, há que sublinhar, que a análise demográfica deste fenómeno concentra-se em torno de quatro grandes directrizes: a caracterização da diversidade e da evolução das componentes específicas deste fenómeno; o estudo das causas e consequências do declínio da fecundidade; a ligação com a nupcialidade e com as estruturas familiares; a fecundidade diferencial.

Os dados referentes aos nascimentos fornecidos pelo Recenseamento, formam uma base de muitas medidas ou indicadores<sup>8</sup> da fecundidade. É evidente que, os dados mais utilizados para estabelecer as características da fecundidade, são os mesmos que são retirados das ventilações da população por idade, sexo e outras características. Estes dados são utilizados quer directa, quer indirectamente para avaliar a população intercensitário.

Com o cenário descrito ao longo da introdução deste tema, eis que surgem algumas hipóteses a avaliar: Era esse o nível de fecundidade esperado para Cabo verde? E para algumas ilhas ou Concelhos em particular? Qual é a faixa etária em que a o nível de fecundidade seja maior? Terá o nível de instrução o mesmo tipo de influência sobre o nível de fecundidade que no passado? Existe alguma correlação entre a fecundidade e o trabalho? Estas serão de entre outras hipóteses que a confirmarem ou a rejeitarem pretendemos encontrar explicações.

---

<sup>7</sup> *O seu aumento ou a sua diminuição afecta directamente a dinâmica populacional.*

<sup>8</sup> *Aspectos que estarão desenvolvidos no ponto “conceitos e definições”*

### **1.3.1-VARIÁVEIS CONSIDERADAS**

As variáveis são elementos estruturantes de qualquer estudo, pois é através da sua inclusão e da sua aderência, isto é, do seu preenchimento, que se possa construir as diversas estatísticas ou diversas estimativas. Para o estudo da fecundidade, estas variáveis são na maioria das vezes de natureza quantitativa. Isto é, expressa em números. Assim, podemos dizer que os dados sobre fecundidade em Cabo Verde foram obtidos através da conjugação de duas questões (variáveis) fundamentais a saber:

P28- “Quantos filhos nascidos vivos teve?” permitindo estudar a fecundidade passada através da paridade média e descendência final e

P30-“Quantos filhos nascidos vivos teve, nos últimos 12 meses(de 15/6/99 a 15/6/2000)? Isto é um período de um ano. É esta questão que permite estimação da fecundidade actual.

A pergunta P29 -“Quantos filhos tem actualmente vivos vivendo ou não no seu agregado familiar?, que embora faça parte da secção do questionário sobre a fecundidade, não seja considerada no âmbito dos cálculos dos indicadores da fecundidade, mas destinada-se à estimação da mortalidade.

### **1.3.2-MÉTODO DE RECOLHA**

No que concerne ao método de recolha aqui utilizado podemos dizer que a maneira mais fácil de se obter informações sobre o número total de filhos nascido vivos que uma mulher teve, consiste em fazer as seguintes questões: “quantos filhos nascidos vivos teve?(referindo-se portanto a toda a vida fecunda da mulher), e “quantos filhos nascidos vivos teve nos últimos 12 meses”(referindo-se deste modo ao período correspondente a um ano anterior à data da realização do Censo). A primeira, é duma capital importância, pois permitem-nos estimar a fecundidade passada, enquanto que a segunda não menos importante, serve para estimar a fecundidade actual ou recente.

A resposta esperada para estas questões é um número (nota-se que esta questão só refere às crianças que nasceram vivas, excluindo, portanto as que nasceram mortas ou outros casos de mortalidade fetal). Neste óptica, a técnica de obtenção de dados utilizada foi a de entrevista directa com os chefes de agregados familiares com o auxílio dum questionário. Com isso, pretendia-se que os dados fossem de melhor qualidade possível, permitindo assim a estimação das taxas e indicadores de fecundidade, em Cabo Verde, e em particular a comparação e/ou complementaridade das estatísticas do estado civil.

Entretanto, este método, como aliás, muitos outros, para além de terem a vantagem na recolha de informações, apresentam algumas limitações. Neste sentido, com o objectivo de minimizar esses erros, maximizando, por conseguinte, as declarações correctas sobre os nascimentos, várias pesquisas tem recomendado para dividir a pergunta sobre os filhos nascidos vivos em três, seguintes categorias: "De todos os filhos nascidos vivos, quantos:

- 1- Vivem ainda no agregado?
- 2- Vivem ainda mas noutro agregado? e
- 3- Quantos estão mortos?

Desta forma, o questionário forneceria mais informações suplementares que permitissem a estimação da mortalidade. Vantagem essa que o questionário tal como está concebido não a possui.

A sua principal qualidade é a de não ser datada, e por conseguinte fica isento de erros dessa natureza, onde mesmo os efeitos sazonais nos registos são negligenciáveis, comparativamente aos outros métodos de recolha. Por exemplo, a recolha sobre ficha de fecundidade ou mesmo as fichas ginecológicas, que por sua vez contêm informações sobre a data de cada nascimento ou o fim de cada gravidez.

A operacionalização desta ficha leva tempo e reveste-se de um custo relativamente elevado. Pois, na prática ela carece de um inquérito por sondagem. É claro que, esta forma de recolha de dados sobre os nascimentos vivos fornecem ainda as informações sobre o escalonamento dos nascimentos mas exige em contrapartida que se registre a data. A mesma, por seu turno é susceptível de conter erros e isso constitui um dos inconvenientes deste tipo de recolha em relação ao tipo de recolha assente nesta análise. Porém esta qualidade constitui ainda um defeito. Pois, os dados não se relacionam para períodos definidos, o que não fornece assim informações sobre o escalonamento por idade da fecundidade ou mesmo suas tendências ao longo do tempo.

Um outro defeito dessas informações é que, geralmente, são obtidas através dos dados recolhidos sobre a forma de número, susceptíveis a erros relativamente mais fortes do que as que são tiradas das questões para as quais as respostas são simplesmente sim ou não.

O ideal neste método seria de interrogar todas as mulheres de 15 anos ou mais independentemente do seu estado civil. Mas, nalgumas sociedades não se admite que se pergunte às mulheres que nunca tenham contraído o matrimónio se tiveram filhos nascidos vivos. Felizmente, na nossa sociedade isto não acontece, mas a análise de algumas pesquisas revela-nos que a fecundidade tem-se manifestado como um fenómeno relativamente precoce. Neste sentido, explorou-se esses dados nas raparigas de 12 anos ou mais mesmo conscientes de que se possa correr algum risco de não respostas para este grupo etário. E isto, pode constituir uma desvantagem para a análise no grupo etário 12-14 anos.

Como na maior parte das perguntas, quem as responde é o chefe do agregado familiar, que na sua maioria são homens, muitas vezes eles não sabem com precisão, o número de filhos que a mulher teve, principalmente, se se tratar duma mulher que veio de outras experiências de união. Isto pode constituir também, muitas vezes mais uma das desvantagens ou limitações que se depara ao analisar dados sobre a fecundidade.

### **1.3.3- MÉTODO DE ANÁLISE**

A explicação do método de análise, tal como o da recolha é muito importante no processo estatístico, que se exige cada vez mais com maior transparência, qualidade e coerência. Neste particular, a comparabilidade também algo importante e desejado que deve ser garantido numa pesquisa estatística desta natureza. Assim sendo, importa ainda realçar, que pelas potencialidades do recenseamento e por tipo de respostas que as questões colocadas no momento da recolha podem nos proporcionar, parece-nos que o melhor método a adoptar será o que se baseia nos dados sobre os dados vivos. A análise dos dados aqui apresentados é baseada em dois tipos de registos: os provenientes do número total de filhos nascidos vivos que a mulher teve durante a sua vida fecunda, e os registos sobre o número de filhos nascidos vivos nos últimos 12 meses precedentes ao recenseamento.

A análise dos resultados relativos à fecundidade irá ser feita numa perspectiva comparativa e por divisões administrativa, salientando sempre que possível os motivos pelo qual não foi apresentada determinada análise a uma determinada sub-população. Graças à inclusão das variáveis socio-económicas do indivíduo no âmbito do RGPH-2000, e da provável correlação existente entre elas é que podemos analisar a fecundidade segundo as diversas variáveis explicativas deste fenómeno.

### **1.3.4- CONCEITOS E DEFINIÇÕES**

Em qualquer estudo, as definições constituem tópicos fundamentais, tanto para a análise como para os utilizadores, permitindo fazer uma melhor leitura comparativa dos dados que se apresentam, facilitando a compreensão das informações que se possam construir e/ou deduzir à custa desses dados.

*Para o efeito da análise considera-se os seguintes conceitos e definições constantes no questionário.*

*"Filhos nascidos vivos"<sup>9</sup>*

É o número total de filhos nascidos vivos, que uma mulher teve durante a sua vida reprodutiva, quer esteja ou não vivos, presentes ou não no momento da recolha, vivam ou não no agregado".

---

<sup>9</sup> *Manual de Recenseador*

#### *"Filhos actualmente vivos"<sup>10</sup>*

É o número total de filhos que actualmente estão vivos, independentemente de estarem ou não fisicamente presentes no momento da recolha, vivam ou não no agregado".

#### *"Filhos nascidos vivos nos últimos 12 meses"<sup>11</sup>*

É o número total de filhos nascidos vivos no período compreendido entre 15/6/99 e 15/6/2000.

*Destacam-se ainda no âmbito de Conceitos algumas definições que se consideram indispensáveis para melhor se compreender a análise deste tão importante fenómeno demográfico que é a fecundidade.*

### **1.3.4.1-NATALIDADE & FECUNDIDADE**

A *natalidade* e a *fecundidade* aparecem muitas vezes empregues como sendo palavras sinónimas quando na verdade têm significados completamente diferentes. Assim, a *natalidade* diz respeito aos nascimentos que ocorrem no seio duma população dum país.

Enquanto que a *fecundidade* é o resultado da fertilidade ou seja aptidão à procriação, diz respeito os nascimentos que ocorrem num subconjunto específico duma população- as mulheres em idade de procriar (15 - 49 anos ).

#### **- Número médio de filhos nascidos vivos por mulher**

Corresponde ao quociente entre os números de nados vivos e o de mulheres dum determinado grupo etário.

$\text{Número Médio de filhos} = \text{Número de filhos} / \text{Número de mulheres}$
---

#### **- Descendência final (D50)**

Corresponde ao número médio de filhos nascidos vivos esperados aos 50 anos. Isto é, calculada como a semi-soma do número médio de filhos nos grupos 45-49 e 50-54 anos.

$D50 = [(\text{Número médio de filhos aos}(45-49) + \text{Número médio de filhos aos}(50-54))]/2$
---

---

<sup>10</sup> *Idem*

<sup>11</sup> *Idem*



**- Probabilidade de alargamento das famílias( $a_n$ )**

É a probabilidade de uma mulher que tenha tido  $n$  filhos poder ter o seu  $n+1$  filho nascido vivo.

$$a_n = F_{n+1}/F_n$$

em que  $F_{n+1}$  designa o número de mulheres que tem  $n+1$  filhos e  $F_n$  designa o número de mulheres com  $n$  filhos

**- Taxa bruta de natalidade(TBN)**

Mede o número de nascimentos por 1000 habitantes dum país no decurso de um ano, isto é, o quociente entre os nascimentos anuais e a população média do país.

$$TBN = (\text{Total de nascimentos} / \text{Total de habitantes}) * 1000$$

**- Taxa global de fecundidade(TGF)**

Mede o número anual médio de nados vivos por 1000 mulheres em idade de procriar(15-49).

$$TGF = [(\text{Total de nados vivos nas mulh}(15-49) / \text{Total de mulheres dos } (15-49))] * 1000$$

**- Taxa específica de fecundidade**

Diz respeito ao quociente entre o número de nados vivos e número de mulheres em cada grupo etário.

$$\text{Taxa específica de fecundidade} = n_i / N_i,$$

Em que  $n_i$  representa nº de nados vivos no grupo etário  $i$ ,  $N_i$  representa nº de mulheres no mesmo grupo etário. o  $i$  são os grupos etários quinquenais dos 15-19 nos até aos 45-49 anos.

### **- Índice sintético de fecundidade (ISF)**

Designa o número anual médio de nados vivos que uma mulher teria ao fim da sua vida reprodutiva se fosse submetida a cada idade a lei da fecundidade (taxa) observada em cada geração no momento de recenseamento.

$$ISF = 5 \times \sum_{X=15}^{X=45} {}_5t_x$$

Em que  ${}_5t_x$  representa o número médio de filhos (taxa) por cada grupo etário de 15 aos 49 ou seja idade de  $x$  a  $x+5$ , referentes aos nascimentos durante um ano.

### **- Taxa bruta de reprodução**

Designa o número médio de filhas nascidas vivas que uma mulher teria ao longo da sua vida reprodutiva, na ausência da mortalidade, mantida a taxa de fecundidade observada no momento.

$$TBN = ISF \times 0.488$$

Em que 0.488 é a taxa de feminidade padronizada internacionalmente  $100/(100+105)$

### **Relação de masculinidade dos nascimentos vivos.**

Mede o número de nascimentos vivos do sexo masculino por 100 nascimentos vivos do sexo feminino.

$$R.M. = (Total\ de\ nados\ vivos\ masculino / total\ de\ nados\ vivos\ feminino) \times 100$$

### 1.3.5 -AVALIAÇÃO DE DADOS

A avaliação de dados constitui uma etapa importante no processo estatístico. É, através da mesma, que se pode identificar os principais, enviesamentos e/ou omissões. De acordo com o método de análise aqui adoptado importa dizer que, antes de nos entrarmos nos cálculos das diferentes taxas e indicadores da fecundidade, que serão apresentados com base neste método, é altura ideal de nos procedermos a uma avaliação dos dados concernentes aos nascimentos vivos.

Para este estudo de fecundidade foram utilizados as seguintes fontes de dados:

Os Dados dos Registos Civil (tratados no INE)  
O Recenseamento Geral da População de 1980;  
O Inquérito sobre a fecundidade de 1988;  
O Recenseamento Geral da População e Habitação de 1990.  
O Inquérito Demográfico e de Saúde Reprodutiva (IDSR-98)  
O Recenseamento Geral da População e Habitação de 2000.

Neste sentido, dizemos que o estudo, análise e avaliação da qualidade de dados sobre a fecundidade requer que se faça a análise nas duas vertentes: a qualitativa e a quantitativa.

#### 1.3.5.1-Avaliação Qualitativa

Neste *item*, vamos começar a nossa avaliação pela pergunta “P30 quantos filhos nascidos vivos teve nos últimos 12 meses”. Os nascimentos vivos registados no decorrer de um ano foram obtidos apelando à memória das mulheres ou das pessoas interrogadas(que, em princípio, na sua maioria, era o chefe do agregado). Por conseguinte, algumas respostas podem estar afectadas de enviesamentos ligados à apreciação do período de referência (últimos 12 meses anterior à data do Censo).

Para fazermos uma apreciação qualitativa mais cuidada desses dados convém frisar que mais à frente neste documento irá estar em apreço o indicador R.M(relação de masculinidade), que, apesar de estar contido também na parte que diz respeito à “avaliação quantitativa” é o indicador da qualidade dos dados referente aos nascimentos vivos utilizado nesta pesquisa. Uma outra maneira de apreciarmos a qualidade dos nascimentos vivos é através da comparação destes dados com os que são provenientes de outras fontes, principalmente os que o sistema de Registo Civil vem fornecendo.

Neste contexto, podemos dizer que, em princípio estes dados são geralmente sub-estimados nos casos em que os sistemas de Registo Civil são eficazes. Mas, no que concerne a Cabo verde, infelizmente, sabemos hoje, que, apesar da lei de 1913 «as declarações devem ser feitas num espaço de 40 dias após o nascimento pelos pais ou na ausência destes, pelos parentes próximos designados pela lei», muitos registos só vem a efectivar-se anos após o nascimento.

Neste particular, e devido aos chamados "registos tardios" que se tem verificado, aliás o que provavelmente acontece nalguns países, é natural que estes dados(nascimentos registados no Censo) sejam observados com alguma discrepância em relação aos dados dos Registos Civil, podendo mesmo ir por vezes até os 50% em certos casos<sup>12</sup>). Esta situação talvez se deva em grande parte à ignorância da obrigatoriedade de declaração e a ausência da motivação. E mais, a não aplicação das multas previstas na lei fazem com que os pais registem os seus filhos no momento de algumas necessidades como por exemplo: o de baptismo, de entrar na escola ou no caso extremo do levantamento de certidão de óbito. Todos estes constrangimentos põe em causa a credibilidade e a qualidade destes dados para o cálculo de algumas taxas afins ou mesmo para a comparabilidade com outras fontes. Segundo os dados fornecidos pelo sistema de Registos conforme testemunha o quadro abaixo, em relação aos últimos quatro anos são estes os nascimentos que se têm registados com base nos registos de nascimentos.

<b>Ano civil</b>	<b>Registos(nascimentos)</b>
1996	12350
1997	11054
1998*	10165
1999*	9483
2000	* *

*\*dados incompletos no momento por causa dos registos tardios*

*\*\* dados em curso de tratamento*

Uma análise ao quadro acima(que nos dará uma ideia dos nascimentos nestes últimos 4 anos), verificamos que, em comparação com estes dados, no Censo-2000 não foi observado mais que 10880 nascimentos vivos (antes dos apuramentos e ajustamentos finais). O número total de nascidos vivos no Censo-2000 foi recolhido para todas as mulheres residentes com 12 anos ou mais no momento do Censo. De facto, as características retrospectivas que fazem apelo, principalmente à memória apoiada na inquirição, é de se esperar que estes dados estejam contidos de alguma dose de subjectividade, quer de sobre, ou de sub-estimação, normal em qualquer operação desta envergadura. Neste sentido, e porque existem algumas evidências(ver relatório de avaliação do Censo 2000) de que provavelmente esses nascimentos podia estar sub-estimados, existem vários métodos ou modelos estatístico<sup>13</sup> que nos permitam verificar este fato e ajustar esses dados devolvendo-os a "normalidade" que se espera.

*Os dados sobre a fecundidade foram recolhidos colocando as seguintes questões a todas as mulheres de 12 anos ou mais:*

*"P28 - Quantos filhos nascidos vivos teve?"<sup>14</sup>*

*e*

*"P30-Quantos filhos nascidos vivos teve nos últimos 12 meses<sup>15</sup> (de 15/6/99 a 15/6/2000)?"*

<sup>12</sup> Jacques Angélo Santos 1998

<sup>13</sup> Ver Método de Ajustamento no Capítulo II.

<sup>14</sup> Ver definições na secção das mesmas

<sup>15</sup> Idem

Em relação a estas duas variáveis, constata-se que as informações sobre os nascimentos vivos e os nascidos nos últimos 12 meses estão intimamente ligadas a certos tipos de enviesamentos frequentes em qualquer Censo, provocados especialmente:

- ✓ Pela dificuldade de apreciar convenientemente o período “últimos 12 meses que precedem o momento da recolha”.
- ✓ Pela não declaração dos nascimentos vivos que horas depois falecem, e isto tem por consequência, uma sub-estimação dos nascimentos vivos no período considerado.
- ✓ Pelos esquecimentos de filhos mortos ou que vivem noutros lados, isto é, não vivem no mesmo agregado familiar.
- ✓ Pela declaração de nascidos mortos como sendo nascidos vivos.

Todos esses possíveis e diversificados erros, podem provocar um enviesamento controlável no número de filhos nascidos vivos e nas taxas de fecundidade por diferentes grupo etário. Deste modo, e de acordo com as recomendações, devemos proceder à verificação das eventuais omissões de crianças nascidas vivas, de transferência das mães de um grupo etário para outro, e dos dados sobre a estrutura e o nível de fecundidade antes de escolher o método e de proceder ao ajustamento<sup>16</sup>.

---

<sup>16</sup> *Mais desenvolvimento será dado quando abordarmos o “Método de ajustamento”.*

### 1.3.5.2- Avaliação quantitativa

A avaliação dos dados sobre a estrutura por idade em caso geral põem em evidência uma certa tendência por idades arredondados, isto é as idades terminadas em zero(0) e cinco(5) e que numa análise feita da pirâmide de idade<sup>17</sup>, parece haver um défice de efectivos de mulheres da franja de idade dos 20-24 anos e um défice de crianças de menos de 1 ano<sup>18</sup>. Nestes, os efectivos brutos eram de 10628 e após o apuramento este ficou a 9999, conforme testemunha o quadro abaixo:

	Effectivos com menos de 1 ano					
	Dados Brutos		Dados Apurados			
	Efectivo	%	Efectivo	%	Diferença	%
Total	10 628	100	9999	100	629	100
Masculino	5 383	50,6	5 068	50,7	315	50,1
Feminino	5 245	49,4	4931	49,3	314	49,9
	Nascimento nos últimos 12 meses					
	Dados Brutos		Dados Apurados		Diferença	
	Efectivo	%	Efectivo	%	Efectivo	%
Total	10 880	100	10 276	100	604	100
Masculino	5 428	49,9	5 198	50,6	230	38,1
Feminino	5 452	50,1	5 078	49,4	374	61,9

Da análise do quadro, podemos dizer que após os apuramentos/correções à base, relativa aos dados dos nascimentos nos últimos 12 meses, apresentaram-se com estrutura normal e coerente com aquela que é esperada e que se verificada à nascença. Isto é, a observância de mais nascimentos vivos do sexo masculino do que do sexo feminino. Neste sentido, para melhor avaliarmos a qualidade dos dados referentes a nados vivos, vamos proceder ao cálculo dum índice que é frequentemente utilizado para apreciar a qualidade dos registos de nados vivos por sexo. O mesmo, irá nos permitir observar, se as declarações de nascimentos vivos acusam algum desequilíbrio no que respeita ao sexo. Tratando-se portanto, da relação de masculinidade.

A relação de masculinidade (R.M) à nascença foi estimada em 102. Isto é, por cada 100 raparigas, nasceram em Cabo Verde no período *de 15/6/99 a 15/6/2000*) 102 rapazes(sobre os dados apurados). Será que, com isso podemos dizer que as declarações são boas? Procedemos de seguida a avaliação deste índice nos parâmetros padronizados considerado internacionalmente. E, para o caso de Cabo Verde, os limites do intervalo de confiança a 95% (depois de todos os cálculos) são 1,01 a 1,07 ou se quisermos [101-107].

<sup>17</sup> Aspecto abordado no tema de Análise “ Repartição e Estrutura da População”

<sup>18</sup> Relatório de avaliação dos dados de Censo.

Deste modo, verificamos que o R.M está dentro deste intervalo de confiança, e daí podermos concluir que em princípio os dados sobre os nascimentos vivos parecem estar bem declarados. No entanto, convém não esquecermos que estamos a tratar de um único índice e, ainda por cima bastante rudimentar, pois podemos estar perante omissões de igual importância nos dois sexos. Se bem que tais casos raramente tenham sido observados,

### Correcções & Imputações

Em Cabo Verde existia a 16 de Junho de 2000 cerca de 151396 mulheres de 12 anos ou mais, sobre as quais foram recolhidas informações relativas à fecundidade. Nestas, relativamente à variável "P28- quantos filhos nascidos vivos teve?", foi observada inicialmente uma taxa de não resposta na ordem dos 5,6%. E, em relação à variável "P30- quantos filhos nascidos vivos teve nos últimos 12 meses?", variável esta, que mede a fecundidade actual. Nela, foi observada uma taxa de não resposta na ordem dos 10,2% (ver relatório de avaliação de dados do Censo-2000). Esta taxa parece dever-se principalmente aos motivos que se prendem com inadequação do período de referência quer por parte dos inquiridores ou dos respondentes.

Hoje em dia, graças aos avanços no campo da Estatística podemos, com bastante rigor científico ter uma ideia mais precisa da dimensão e qualidade dos dados dum Censo. É assim, que no que concerne aos nascimentos vivos, podemos falar com uma certa firmeza, das imputações ou preenchimento automático, que conduzam às correcções lógicas duma percentagem bastante significativa de não respostas. Neste particular, os quadros seguintes dão-nos as percentagens de correcções e imputações efectuadas por sexo para as duas variáveis concernentes aos nascimentos vivos observados no Censo-2000.

#### *"P28 - Quantos filhos nascidos vivos teve"*

*Quadro X: Correcções e Imputações referentes à variável P28 segundo sexo por valores de imputação.*

<b>P28M</b>			<b>P28F</b>	
Valores Imputados	Correcções & imputações	%	Correcções & imputações	%
< 0	1075	79,34	1059	80,96
0	106	7,82	87	6,65
1	90	6,64	68	5,2
2	33	2,44	33	2,52
3	25	1,85	27	2,06
4	15	1,11	14	1,07
5	5	0,37	14	1,07
6	3	0,22	2	0,15
7	2	0,15	1	0,08
8	-	-	2	0,15
9	-	-	-	-
10	1	0,07	1	0,08
11 a 25	-	-	-	-
>25	-	-	-	-
<b>Total</b>	<b>1355</b>	<b>100</b>	<b>1308</b>	<b>100</b>

Da análise à P28, verificamos através do quadro X, que praticamente não houve discriminação nas imputações segundo o sexo. Pois, num total de 1355 e 1308 imputações para masculino e feminino respectivamente, verificaram-se nos seguinte casos:

- ✓ Em 1075 casos, correspondendo a (79%) para P28M e, em 1059 correspondendo a (81%) casos para P28F, portanto a maioria, foram considerados como “não respostas”(NR) para masculino e feminino respectivamente;
- ✓ Corrigiram-se, atribuindo a 106 casos correspondendo a (7,8%) para P28 M e, em 87 casos correspondendo a (6,7%) para P28F o valor Zero “0” como número de filhos nascidos vivos de sexo masculino e feminino respectivamente;
- ✓ Em 90 casos, correspondendo 6,6% para P28M e, em 68 casos correspondendo a 5,2% para P28F as correcções e imputações vão respectivamente para as mães que “tiveram” um filho e uma filha respectivamente.

A título de conclusão podemos dizer que, em 5,6% de casos de não respostas para a variável P28 (ver relatório de Análise do Censo-2000) conseguimos corrigir com êxito a 1,1% dos casos ficando 4,4% como “não resposta” (NR) para a variável P28.

#### *"P30 - Quantos filhos nascidos vivos teve nos últimos 12 meses"*

*Quadro Y: Correcções e Imputações referentes à variável P30 segundo sexo por valores de imputação,*

<b>P30M</b>			<b>P30F</b>	
Valores Imputados	Correcções & Imputações	%	Correcções & Imputações	%
< 0	805	4,8	805	4,71
0	15954	95,2	16272	95,29
1	-	-	-	-
2	-	-	-	-
3	-	-	-	-
>3	-	-	-	-
Total	16759	100	17077	100

Relativamente à variável P30, o quadro Y mostra-nos que em 16759 e 17077 casos de correcções e imputações(atribuições de valores) para P30M e P30F, respectivamente, também não existem grandes diferenças quanto às imputações, Pois , em 95,2% dos casos correspondendo a um efectivo de 15954 para P30M e, em 95,3% dos casos para P30F corresponderam aos casos em que em princípio a mulher não teve filhos nascidos vivos, Isto é atribuí-se o valor Zero “0” para estes casos.



Ainda, em relação à esta variável, podemos concluir que, em 10,2% dos casos de não respostas(NR) segundo o relatório de análise do Censo-2000 referentes aos dados brutos, conseguimos “resolver” 5,4% destes, fazendo-os diminuir para 4,8% dos casos. É esta a percentagem que é considerada como a taxa de não resposta actua (NR) para a variável P30, após as correcções e imputações.

Para finalizarmos o aspecto concernente à consideração metodológica, resta-nos salientar que a análise da fecundidade vai ser apresentada ao nível Nacional. Se descermos a nível da Ilha e de Concelho a análise não irá ser feita para todas as ilhas e nem para todos os concelhos pelos problemas de comparabilidade que tal análise pode trazer. Entretanto, apresentaremos pequenas abordagens para todas elas e com um pouco mais de detalhes quando descermos ao nível de Concelho certamente os mais populosos. Apresentaremos também análise comparativa sempre que considerarmos oportuno para os principais centros urbanos.

O meio de Residência (Urbano/Rural) será objecto de análise mais aprofundado quando se abordar aspectos diferenciados da fecundidade mais à frente neste documento,

## CAPÍTULO II-NÍVEL E ESTRUTURA DA FECUNDIDADE

### 2.1-Introdução

Findo o primeiro capítulo, onde tivemos a oportunidade de abordar, entre outros aspectos relacionados com a metodologia de trabalho, a avaliação de dados(fase importante em qualquer análise). Asseguradas, que são as bases e as limitações com que vamos doravante trabalhar, propomo-nos analisar o nível e a estrutura de fecundidade em Cabo Verde, focando na fecundidade passada e actual uma perspectiva descritiva e comparativa.

O presente capítulo analisa os níveis de fecundidade e de natalidade em Cabo Verde a partir dos dados recolhidos sobre o número de crianças nascidas vivas (fecundidade passada) e os nascimentos nos últimos 12 meses (fecundidade actual). É assim, que falar da fecundidade, é o mesmo que falar dos nascimentos, isto é verificar com que intensidade( filhos por mulher) eles vão ocorrendo e qual é a sua distribuição (geralmente conhecido como estrutura da fecundidade por idade) ao longo das faixas etárias convencionalmente aceites. A fecundidade será medido simultaneamente pela **intensidade** global que por sua vez se descreve pelos seguintes indicadores:

- ✓ A taxa global de fecundidade (ou relação entre os nados vivos anuais e a população feminina média em idade de procriar);
- ✓ A fecundidade acumulada aos 50 anos ou o número médio de filhos que teria uma mulher se viveria toda a sua vida fecunda e para a qual aplicaríamos as diferentes taxas de fecundidade por grupo de idade ou índice sintético de fecundidade(ISF);
- ✓ O número médio de filhos por grupo de idade. O valor do número médio de filhos para o grupo 45-49 anos será comparada com a fecundidade acumulada total aos 50 anos;

e pelo **calendário** da fecundidade também examinado neste documento. Com efeito, o calendário, nos informa sobre a distribuição por idade dos nascimentos ao longo da vida fecunda da mulher com uma intensidade constante. Por outras palavras, trata-se da contribuição relativa de cada grupo de idade para a fecundidade. Ela é calculada em relação às taxas de fecundidade por grupo de idades quinquenais das mulheres em idade de procriar. Enfim, o índice resumo do calendário é calculado pela idade média das mulheres ao nascimento dos filhos ou idade média à procriação.

## **2.2-Fecundidade passada**

No processo histórico da evolução da humanidade, a reposição dos seus membros, mediante a fecundidade, é um fenómeno biológico mas intrinsecamente ligado aos comportamentos sociais. Assim, a sexualidade, a reprodução e a constituição da família são sempre reguladas por normas e padrões impostos pela sociedade. E, as suas transgressões acarretam sanções, mas, ao mesmo tempo, os comportamentos diferenciados constituem importantes impulsos para a alteração das regras vigentes.

Cabo Verde, é caracterizado por um nível de fecundidade passado relativamente elevado, e por uma tendência de rejuvenescimento do seu calendário(repartição das taxas de fecundidade com uma intensidade constante). Pela análise dos dados passados, constatamos que esta intensidade se situa em 7,0 filhos por mulher em 1980, e sensivelmente 5,5 filhos por mulher em 1990; correspondendo a uma baixa de 20% para os períodos de 1980-1990.

Em relação aos dados do Censo 2000 e da análise das tendências que se tem verificado, depreendemos que, apesar dos factores<sup>19</sup> que influenciam sobremaneira o número de filhos nascidos vivos, consideramos que os dados referentes aos mesmos parecem ter sido relativamente bem declarados(ver avaliação de dados Capítulo I). O que em princípio indicia, haver uma coerência do indicador em relação aos dados dos outros Censos, dispensando por conseguinte uma correcção ou ajustamentos relativamente à esta variável.

---

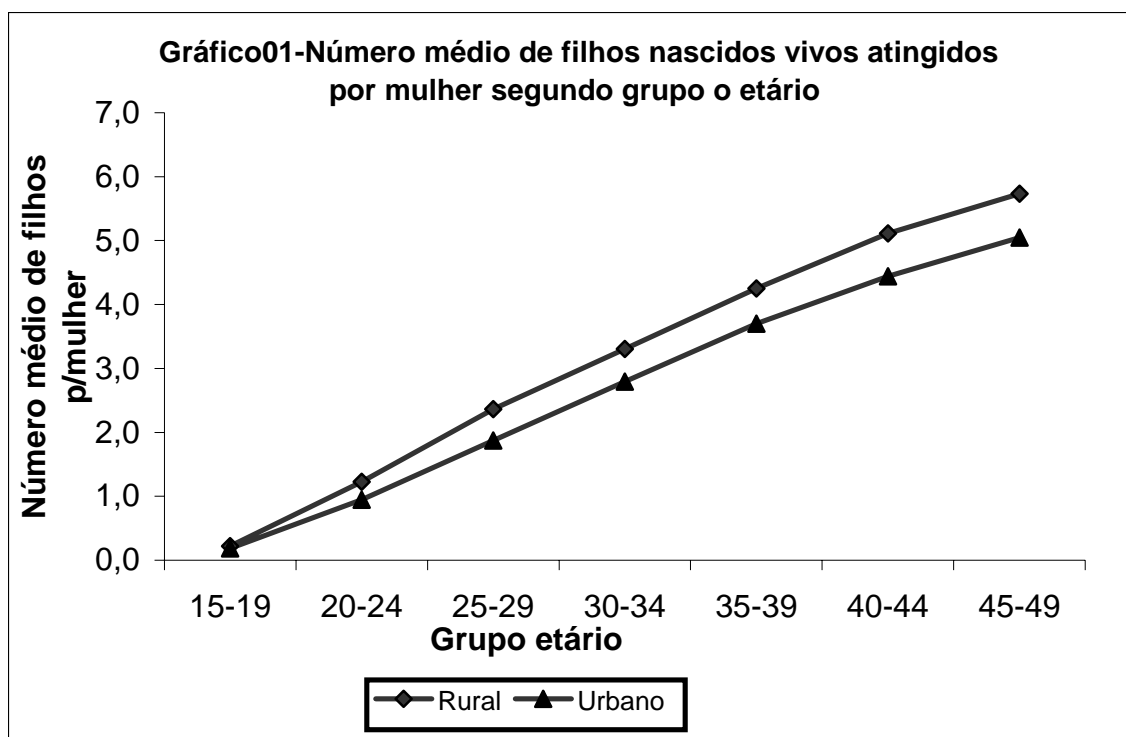
<sup>19</sup> Ver Capítulo I

### 2.2.1 Medida pelo número médio de filhos nascidos vivos atingido e a descendência final

O número de filhos nascidos vivos ou a paridade actual corresponde ao número de filhos nascidos vivos que ela já teve. É, também uma medida de fecundidade que não faz referência ao tempo da fecundidade de mulheres individualmente, mas representa a fecundidade acumulada no passado.

O número médio de filhos nascidos vivos ou paridade média por idade corresponde ao quociente entre o número de filhos nascidos vivos por efectivo de mulheres do grupo de idade concernente. Para o conjunto das idades (entende-se 12 anos ou mais) o número médio de filhos por mulher é de 2,8 a nível Nacional (2,5 no meio Urbano e 3,2 no Rural). Chamamos atenção para este fato porque podemos interrogar dizendo só? Mas como sabemos este indicador trata-se de um quociente. E, por ser uma média há quem tenha muitos filhos, mas também há quem não tenha se quer um único filho. E daí que este indicador só nos dá uma ideia da fecundidade que prevaleceu no passado.

O gráfico 01 representa a distribuição do número médio de filhos por idade actual da mãe independentemente do seu estado civil no momento do Censo.



Fonte: Anexo 02

A repartição do número médio de filhos segundo a idade da mãe (Gráfico 01) mostra-nos que, no meio rural esta média é superior em relação ao meio urbano, independentemente da idade da mãe. Contudo consideramos que a diferença de meio não determinava muito o número médio de filhos nascidos vivos, porque como podemos constatar no gráfico acima a diferença entre o meio rural e o urbano não é muito acentuada.

Nota-se, ainda, que existe uma relação directa entre a idade da mãe e o número médio de filhos nascidos vivos independentemente do meio de residência. Isto é, quanto maior for a idade da mãe, maior é o número médio de filhos nascidos vivos a esta idade.

A terceira constatação é que, para duas mulheres da mesma idade, a influência do meio sobre número médio de filhos nascidos vivos é cada vez maior à medida que a idade dela aumenta.

Se considerarmos o indicador resumo da fecundidade passada constatamos que a descendência final (fecundidade passada acumulada), medido pelo número médio de filhos por mulher atingido aos 50 anos, das mulheres Cabo-verdianas é relativamente elevada no passado registando-se 5,6 a nível nacional ( 5,3 no meio Urbano e 6,0 no Rural).

Facto esse que será confirmado ainda no ponto que se segue quando se analisa a chance que uma mulher de 50 anos ou mais tinha no passado de poder ter mais um filho suplementar nascido vivo.

### 2.2.3- Medida pela probabilidade de alargamento das famílias.

A probabilidade de incremento ou alargamento das famílias ( $a_n$ ) é a probabilidade ou a chance que uma mulher, que já teve  $n$  filhos nascidos vivos poder ter mais um nado vivo suplementar. Isto é, o seu  $n+1^o$  filho nascido vivo.

Ela é calculada a partir da repartição das mulheres de 50 anos ou mais (mulheres em princípio que já terminaram a sua vida fecunda) segundo o número de filhos que elas têm.

Na prática, faz-se à cada número de filho  $n$ , o quociente entre o efectivo de mães que têm pelo menos  $n+1^o$  filhos e o referente às que tem pelo menos  $n$  filhos, através da seguinte formula matemática.

$$a_n = F_{n+1} / F_n$$

*Em que  $F_{n+1}$  designa o conjunto das que tiveram  $n+1$  filhos nascidos vivos e  $F_n$  designa o conjunto das mulheres que tiveram  $n$  filhos.*

Os quadros que se seguem indicam-nos os diferentes valores ( $a_n$ ), calculados para o nível nacional, urbano e rural. Salientamos ainda que no anexo deste documento encontra-se o quadro com as probabilidades de alargamento por ilha.

A variação das probabilidades de alargamento nos diversos domínios geográficos é característico de uma população não malthusiana<sup>20</sup>. O índice  $1-a_0$  é particularmente interessante porque permiti-nos apreciar principalmente o nível de esterilidade dos casais ou unidos em diferentes sub-população. Contudo, não é do âmbito desta pesquisa analisar este índice para as casadas ou unidas e daí o motivo deste ser calculado para todas as mulheres independentemente do seu estado civil.

---

<sup>20</sup> População que utiliza a contracepção ou seja que controlo da reprodução

Este índice pode ser também de uma grande importância nas pesquisas que se pretenda explicar os diferentes níveis de fecundidade observada. Assim, se  $a_1 > a_0$  (caso genérico) ou seja, se a probabilidade de uma mulher, que já tenha tido o seu 1º filho poder ter o seu 2º nado vivo ( $a_1$ ) for maior que a chance que uma mulher que ainda não teve nenhum filho nascido vivo poder ter o seu 1º ( $a_0$ ), significando um aumento de  $a_0$  para  $a_1$ , resulta da selecção das mulheres férteis. Contrariamente, se  $a_0 > a_1$  explicar-se-ia por um recurso ao meio contraceptivo no nascimento do primeiro filho. Uma diminuição das probabilidades, inicialmente lenta e depois mais rápida traduz a progressivamente numa esterilidade secundária<sup>21</sup> à medida que se avança na idade. Facto esse também devido às consequências das complicações das gravidezes anteriores ou mesmo das doenças.

1- Urbano/rural

**Quadro 01:** Variação da probabilidade de alargamento da família ( $a_n$ ), segundo meio de residência por número de nascimento.

Nascimento vivo	Total	Urbano	Rural
<b>0</b>	<b>0,952</b>	<b>0,949</b>	<b>0,955</b>
1	0,956	0,947	0,964
2	0,940	0,925	0,953
3	0,923	0,904	0,939
4	0,893	0,874	0,908
5	0,857	0,847	0,865
6	0,818	0,810	0,825
7	0,765	0,758	0,770
8	0,698	0,694	0,701
9	0,644	0,648	0,642
10	0,555	0,566	0,546

Uma avaliação à probabilidade de alargamento ao nível nacional mostra-nos que a chance de ter mais um nascimento suplementar diminui em proporção e à medida que o número de criança aumenta.

O complemento em 1 da probabilidade de engrandecimento  $a_0$  é um indicador do nível de esterilidade primária, supondo que a população é não malthusiana. O índice ( $1 - a_0$ ), indica com efeito a proporção de mulheres de 50 anos ou mais que não teve qualquer filho nascido vivo. Este indicador foi estimado em 5% à escala nacional. Ou seja de cada 100 mulheres cabo-verdianas 5 delas atingiram

<sup>21</sup> Perda progressiva de aptidão reprodutiva (factor biológico)

aos 50 anos sem nenhum filho nascido vivo. Comparativamente ao IDSR-98 este valor era de 4%.

Uma mulher cabo-verdiana, que tenha tido por exemplo, 4 filhos nascidos vivos no passado, tinha ao nível nacional, 89% de chance de poder ter o seu 5 filho (Quadro 01) ou seja 89 em cada 100 mulheres que tinham 50 aos ou mais em 2000 tinha esta chance. O revela-nos uma forte propensão para procriar no passado.

Se pretendermos fazer a mesma avaliação por ilha(**ver anexo**) destacaríamos algumas ilhas por exemplo: a ilha de Santo Antão, em que de cada 100 mulheres com 50 anos ou mais 92 tinham o “privilégio” de poder dar à luz o seu quinto filho. Menos chance tinham as mães nas outras restantes ilhas em que esta probabilidade é praticamente a mesma.

Nas ilhas de São Vicente e da Boavista de cada 100 delas, cerca de 13 não tinham a mesma oportunidade. Em termos de incapacidade ou opção de não ter filhos verificamos que, se a nível nacional cerca de 5% das mulheres de 50 anos ou mais nunca tiveram filhos nascidos vivos, a nível de ilhas esta percentagem varia desde cerca de 4%(ou seja cerca de um ponto percentual inferior à média nacional) para as ilhas de Santiago e S.Vicente até cerca de 14% para a ilha de Boavista. Contudo, apesar desta ilusória diferença se a resumirmos na amplitude entre as ilhas teríamos-la cerca de 10%. O que equivale a uma diferença média de cerca de 1% entre as ilhas, demonstrando assim uma similitude generalizada em termos de incapacidade ou opção reprodutiva das cabo-verdianas.

O declino da probabilidade de alargamento com o aumento do número de filhos e com a idade é uma consequência natural mas também opcional. Contudo apesar desta baixa generalizada tanto ao nível nacional como ao nível das ilhas(Ver anexo), verificada a partir de  $a_1$  registando ao 10º filho nascido vivo ainda 56% das mulheres que agora tem 50 anos ou mais tinham na sua vida fecunda a chance de dar à luz o 11º filho nascido vivo.

Facto esse, permite-nos aferir, que o nível fecundidade das mulheres cabo-verdianas era no passado relativamente elevado. Aliás facto esse que iremos confirmar mais à frente neste documento. O mesmo, pode ser sustentado ainda pela ideia de uma forte intensidade da fecundidade em Cabo Verde no passado e dum ineficiente controlo da natalidade no mesmo período.

Como dizíamos no início deste capítulo em que tivemos a oportunidade de abordar a fecundidade passada, vamos desenvolver nos próximos itens os aspectos relacionados com a fecundidade actual das mulheres cabo-verdianas.

Concluimos da análise retrospectiva dos filhos nascidos vivos por mulher, que parece ser duma relativa boa qualidade as declarações sobre os filhos nascidos vivos. Pois, segundo os critérios de validação, referimo-nos à relação de masculinidade à nascença que oscila entre 1,02 e 1,07( nota-se que a relação empírica é que nascem em média 103 a 105 rapazes por cada 100 meninas). Um outro critério adicional prende-se com o número médio de filhos por mulher. Este aumenta regularmente com idade das mulheres de 12 a 50 anos. Desta forma consideramos que os dados sobre filhos nascidos vivos foram relativamente bem declarados.

## 2.3-NATALIDADE ACTUAL

A abordagem do próximo *item*, dará início à análise da fecundidade actual em Cabo Verde. Para a compreensão do fenómeno “fecundidade” seria necessário, aliás como fizemos, que falássemos primeiramente da fecundidade passada. Não querendo isso dizer, como é óbvio, que não façamos referência, sempre que possível à fecundidade passada no contexto da fecundidade actual.

Como sabemos, um dos principais componentes do crescimento da população é sem dúvida os nascimentos vivos. Para melhor se compreender a dinâmica deste tão importante fenómeno demográfico, que é sempre analisado em consonância com muitos outros factores e indicadores que infelizmente não são isentos de enviesamentos, há que se ter em devida conta a concordância entre eles, mesmo que sejam desfasados no tempo. É pois, nesta óptica que se desenvolverá o próximo ponto.

### 2.3.1- Método de ajustamento dos dados.

*“Em estatística sempre recorreremos à estimação e ela é por vezes boa, e outras vezes má. Pois ela não é uma ciência exacta e mesmo a natureza não é determinista”*

A avaliação de dados sobre a fecundidade (ver relatório de avaliação dos dados RGPH-2000) permite-nos concluir que, se por um lado o número médio de filhos por mulher esperado parece estar bem declarado, infelizmente, por outro lado, não podemos dizer o mesmo com relação aos filhos nascidos vivos nos últimos 12 meses anterior á data de RGPH, principalmente por “culpa” do período de referência. Isto é, uma provável apreciação inadequada do mesmo período pode estar na origem duma sub ou sobre estimação desses dados.

Para o caso de Cabo Verde, pensa-se que os dados sobre os nascimentos vivos nos últimos 12 meses estão ligeiramente sub avaliados, pois segundo os dados do Registo Civil(serie incompleta desde 1996 a 2000 disponível no momento) permite-nos fazer uma apreciação quantitativa e ter uma estimação de nascimentos vivos registados por ano. É assim, que se estima, que nascem por ano uma média de 10219<sup>22</sup> crianças. Sabendo que no RGPH registou-se uma média de 10880 nascimentos nos últimos 12 meses(nascimento bruto) e após os apuramentos passaram para 10276(sem ajustamento), pensa-se que há um número não negligenciável de nascimentos vivos que não foram declaradas nem pelo Registo Civil(registos tardios) e nem no Censo talvez pelos motivos citados anteriormente.

Segundo os dados do IDSR-98, o índice sintético de fecundidade(ISF) foi estimado em 4,0 filhos por mulher( período 1995-98) e o valor observado em 2000 para o mesmo índice é de 3,2 sobre os dados brutos(ver relatório de análise), Nesta linha de pensamento parece pouco provável que quase dois anos e meio este índice sofresse em média uma baixa na ordem de 1 filho por mulher, quando em 10 anos esta baixa foi de 1,5 filhos médio por mulher se considerarmos as fontes Censo 90 e IDSR-98. Por isso, a necessidade de se ajustá-lo. Isto é, corrigi-lo, aliás como se faz em muitos países, por forma a ser coerente e comparável com outros índices.

---

<sup>22</sup> Registo médio desde 1996 a 2000



Hoje em dia, graça aos avanços das novas tecnologias, cada vez mais podemos estar mais perto da verdadeira realidade, permitindo por conseguinte, “repor o que falta”, sem que ela nunca seja atingida, podendo no entanto, no máximo estimá-la cada vez mais, e com maior precisão.

Dentre os diversos métodos estatísticos de ajustamentos de dados demográficos, existem alguns que são mais adaptáveis em África de que outros e por isso são mais utilizados. Geralmente, e até bem pouco tempo, o método que vinha sendo utilizado em África para fornecer o factor de ajustamento dos dados relativos aos nascimentos vivos nos últimos 12 meses é o método bem conhecido de Brass, denominado por rácio  $P_i/F_i$ , em que  $P_i$  significa número médio de filhos nascidos vivos por grupo de idade  $i$  (paridade média) e  $F_i$  significa número médio de filhos nascidos vivos nos últimos 12 meses (taxa observada por grupo de idade  $i$ ).

Infelizmente, todos os métodos tem as suas vantagens e inconveniências. Para o P/F, a inconveniência é o facto de ele ser baseado na hipótese duma fecundidade constante, o que só servira para fornecer um factor de correcção dos nascimentos em 1980 visto que até esta data sensivelmente, a o nível de fecundidade era quase que constante.

Segundo algumas pesquisas bem sucedidas realizadas em Cabo Verde, com intuito de estimar a fecundidade, mostram ou permitem-nos pensar que a fecundidade esteja em plena redução ou declínio, por isso a razão da não adaptabilidade do referido método para a estimação dos nascimentos em 1990 e 2000.

Diante disso, sentimos obrigados a recorrer a um outro método que também fornecesse um bom factor de correcção dos dados sobre os nascimentos e que tivesse a vantagem de não excluir uma provável evolução da fecundidade.

Neste contexto, fomos à pesquisa do método que melhor se adapte ao caso de Cabo Verde. Começamos com o método P/F, mas constatamos que este método, fornece uma melhor estimação para o caso em que a o nível de fecundidade se manteve constante ou com pouca variação ao longo do tempo. O que de facto não é o caso de Cabo Verde. Através do mesmo método tivemos a oportunidade de confirmar ainda, que o nível de fecundidade está em declínio, exactamente o motivo pelo qual evidencia a não aplicabilidade do mesmo.

Em face disso, pensamos no Método de Arriaga<sup>23</sup>, em que um dos requisitos primários é a disponibilização de dados ao menos à duas datas<sup>24</sup>. Felizmente, no caso de Cabo Verde dispomos de dados relativos aos Censos 1980, 1990(sem questionar a qualidade desses dados o que não faz objecto desta pesquisa) e 2000 ao nível nacional. Eis, então os motivos pelo qual é este o método escolhido para fornecer o factor de correcção dos dados sobre os nascimentos nos últimos 12 meses, permitindo a estimação do índice sintético de fecundidade (ISF) a partir da estrutura observada e dos dados sobre o número médio de filhos nascidos vivos, das mulheres de 15-49 anos.

---

<sup>23</sup> Arriaga E. (1983), “Estimating fertility from data on children ever born by age of mother”, *International Research Document Nº 11, US Bureau of Census, Washington D.C., PP. 1-14.*

<sup>24</sup> Uma das variantes deste método é o citado anteriormente, isto é o P/F que só requer dados a uma data, mas requer em contrapartida a hipótese duma fecundidade constante.

Pelo facto do método de Arriaga do Software PAS (Population Analysis Spreadsheets), produzido e implementado pelo mesmo em 1994 no "Bureau of the Census"<sup>25</sup> ser bastante recente, iremos apresentar em linhas gerais em que consiste o método, os dados exigidos, as hipóteses que o sustenta, as vantagens, as limitações e alguns procedimentos de cálculo que acharmos importante durante a estimação, por forma a compreendê-lo melhor.

### Descrição do método

Esta técnica de estimação da taxa de fecundidade baseia-se nas informações sobre o número médio de filhos nascidos vivos, por idade da mãe, no padrão da fecundidade através da inscrição de nados vivos fornecidos pelos Registo Civil ou, no número de nascimentos vivos nos últimos 12 meses fornecidos pelos Censos ou Inquéritos. Esta situação aplica-se nos casos em o número de filhos nascidos vivos por mulher e o padrão da idade de fecundidade estarem disponíveis até pelo menos à duas datas. Se os dados estiverem disponíveis à uma data, então as suposições, as vantagens e as limitações são basicamente algumas como as da técnica P/F.

### Dados exigidos

- ☛ O número médio de filhos nascidos vivos por mulher, classificadas por grupos de idade quinquenais, para pelo menos duas datas.
- ☛ A distribuição da taxa específica de fecundidade(observada) por grupos de idade quinquenais, para as mesmas datas.

### Pressupostos

- ☛ A qualidade das informações sobre os nascimentos usados no processo de cálculo das taxas específicas de fecundidade é a mesma para todos os grupos etários.
- ☛ A informação completa sobre o número de filhos nascidos vivos por para as mulheres de menos de 30 ou 35 anos de idade.
- ☛ Uma mudança na fecundidade provoca uma influência linear no número médio de filhos nascidos vivos por mulher, em cada idade particular (principalmente as idades de 15 a 35 anos) entre as duas datas.
- ☛ A fecundidade ocorre somente entre as idades de 15 a 50 anos(aplica-se a Cabo Verde por se considerar os nascimentos vivos antes dos 15 anos e depois dos 50 anos casos marginais).

### Vantagens

- ☛ Considerando que a técnica não assume uma fecundidade constante ela pode prever quando tiver mudado.
- ☛ As estimativas de fecundidade são obtidas para o ano de Censo ou Inquérito

---

<sup>25</sup> Arriaga E., *Population analysis with microcomputers. Vol.1 presentation of techniques; Vol.2 software and documentation, Bureau of Census,1994*

- ☛ Uma análise aos factores do ajustamento permite uma avaliação dos dados usados. Os factores de ajustamento não são afectados com a mudança da fecundidade mas são afectados com a qualidade e a compatibilidade dos dados.

### Limitações

- ☛ Os Erros nos dados referentes ao número médio de filhos nascidos vivos afectará os resultados.
  - (a) Uma incorrecta declaração de idade da mulheres pode provocar efeitos imprevisíveis.
  - (b) Uma sub ou sobre declaração do número médio de filhos nascidos vivos por mulher menos de 35 anos afectará as estimativas. Se a declaração de filhos nascidos vivos for mais (ou menos) completa num censo que no outro a estimativa da fecundidade vai ser afectada. Isto pode acontecer quando, no processo de estimação da fecundidade, são combinados dados de censos e pesquisas, porque os dados de pesquisas são frequentemente de melhor qualidade que os dos censos, neste domínio.
- ☛ Erros na taxa específica de fecundidade por idade afectará os resultados:
  - (a) Se o padrão de fecundidade leva em consideração os erros contidos no padrão "actual", a taxa de fecundidade específica vai ser afectada. Isto, também, pode afectar o nível da taxa de fecundidade total.

Se admitirmos como sólidas as nossas suposições, e se considerarmos os dados observados dos Censos(1980, 1990, 2000), então podemos aplicar o Método de Arriaga a três períodos (ARFE-3), para calcular o Índice Sintético de fecundidade(ISF) para estas três datas e fornecer um factor de correcção da taxa de fecundidade para os três períodos, a partir da estrutura observada e do número médio de filhos nascidos vivos para os três períodos.

Na escolha do factor de correcção, proveniente dum dos sete grupos etários, tivemos em consideração a melhor coerência na escolha do factor de correcção. E, isto reside no facto do factor de correcção, ser escolhido no grupo cujo centro da classe fosse o mais próximo possível da idade média à procriação(28,8 anos), Sendo assim, o grupo escolhido foi o dos 25-34 anos porque é o grupo mais estável e uniforme aos três períodos.

Já que escolhemos o grupo 25-34 anos (25-29 e 30-34) temos como factor correcção **1,237**(média dos factores dos dois grupos que compõem 25-34) para 2000, **1,273** para 1990 e **1,392** para 1980. O factor de correcção para 2000 é calculado exactamente para 1 de Janeiro, de 2000 portanto o meio período dos "últimos 12 meses".

Para terminarmos o aspecto metodológico do ajustamento, resta-nos salientar que retemos o método de Arriaga a três períodos e o factor de correcção/ajustamento, 1,237, irá ser afecto a cada taxa ou índice que iremos calcular nesta análise, e assim obteremos os nascimentos para 2000.

### 2.3.2- Natalidade ao nível nacional

Em qualquer pesquisa que tenha por objectivo “analisar a fecundidade”, geralmente começar pelo cálculo da taxa bruta de natalidade. O processo mais simples que existe para medir a natalidade e ter uma ideia geral do nível de natalidade consiste em dividir o total de nascimentos vivos num determinado período(normalmente um ano) pela população média existente neste mesmo momento.

Este indicador dará uma primeira visão global da fecundidade. Só depois, pelas limitações ou dificuldades inerentes a este indicador, podemos introduzir ainda a nível dos indicadores grosseiros, uma correcção adicional. Esta correcção consiste em relacionar os nascimentos vivos directamente com a parte da população onde ele ocorre, ou seja com a população feminina de no período fértil(por convenção dos 15 aos 50 anos). Por conseguinte os indicadores resultantes são mais consistentes e menos influenciáveis. Porque está-se a restringir um pouco os nascimentos.

Esse relatório não vai constituir a excepção, pois começaremos a nossa análise com a análise do nível de natalidade.

A natalidade designa a frequência de nascimentos vivos no seio de uma população. A taxa bruta de natalidade(TBN) que é um indicador conjuntural que representa o número médio anual de nascimentos vivos por 1000 habitantes é estimado em 29,3 filhos por mil mulheres ao nível nacional, (Quadro 02) num efectivo total de 12708 nascimentos (nível nacional) nos últimos 12 meses.

**Quadro 02:** Taxa bruta de natalidade por meio de residência

Cabo Verde		
Indicador	Urbano	Rural
TBN(‰)	28,0	30,9

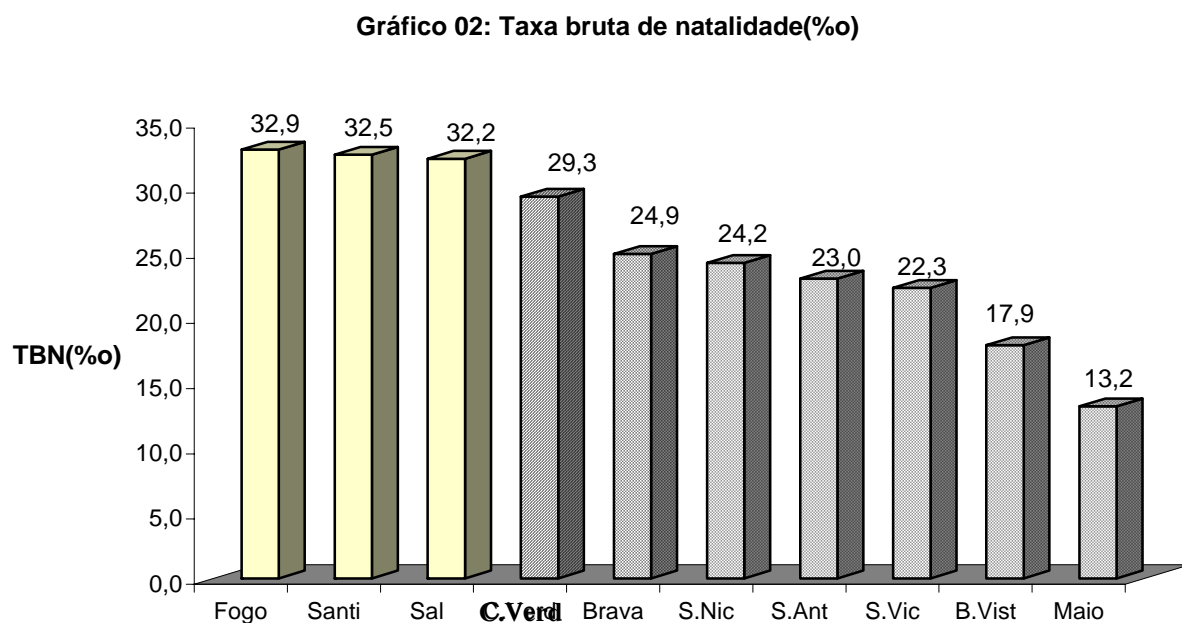
Se pretendermos ter uma ideia comparativa entre os dois meios diríamos que o nível de natalidade é superior no meio rural do que no urbano, sendo a diferença entre os dois meios na ordem de 2,9‰. Isto é, na zona rural existem, por cada 1000 habitantes nasceu no período de 15/6/99 a 15/6/2000 cerca de 3 nados vivos a mais do que na zona urbana. Contudo, a melhor comparação seria estabelecida se os dois meios tivessem a mesma estrutura da população. Por conseguinte, esta taxa não nos diz muito, porque, como sabemos a estrutura da população para os dois meios é diferente. Mas ainda é válida porque partimos para análises mais aprofundados com o conhecimento do nível de natalidade.

Antes de passarmos à análise da fecundidade medido por outros indicadores, apresentaremos a TBN ao nível por ilha para podermos ter uma ideia geral sobre os nascimentos nas ilhas de Cabo Verde é importante que se deixemos claro o seguinte: para que se possa fazer uma comparação e ter uma ideia mais realista da verdadeira diferença entre as ilhas é necessário que padronizemos ou estandardizemos a teoricamente a estrutura entre as ilhas. Quer dizer “pôr-se” tudo ao mesmo “denominador”, e dizer por exemplo que se todas as ilhas tivessem a estrutura da população da ilha de Santiago então o nível de natalidade nas diferentes ilhas seria de tanto. Só assim poder-se-à fazer uma comparação mais realista entre elas.

No entanto, este processo que parece moroso, e que por vezes contém alguma dose de complexidade, não valeria a pena para esta pesquisa se levarmos em conta que o resultado a que se chegar só servirá para a comparação entre elas. Todavia, outros indicadores que servem melhor para sub-populações estarão em evidência nos próximos pontos onde abordaremos a “fecundidade actual”.

Neste particular, mesmo assim vamos prosseguir com a nossa análise a nível das ilhas e vamos servir-nos do quadro 02 abaixo para avaliarmos o nível de natalidade e a diferença entre as ilhas, apesar da particularidade mencionada anteriormente.

### 2.3.3- Natalidade ao nível da Ilha



Numa apreciação gráfica constatamos que o nível de natalidade medido pela TBN é mais elevado na ilha de Fogo cujo desvio em relação à média nacional é na ordem de 3,6‰. Em segundo lugar aparecem as ilhas de Santiago e Sal também com nível de natalidade superior à média nacional. No extremo oposto estão as ilhas de Boavista e Maio com nível muito inferior à média nacional sendo esta última ilha com nível menor de todas elas. A diferença de nível de fecundidade é na ordem de 19,7‰, portanto ainda superior à duas ilhas. Uma outra conclusão é que no conjunto das ilhas de Cabo Verde(habitadas)

exactamente 2/3 delas têm nível de natalidade inferior à média nacional significando por isso que a distribuição do nível de fecundidade por ilhas é assimétrica, Querendo isso dizer que há ilhas com poucos nascimentos e em contrapartida existem ilhas com muitos nascimentos, devendo-se tudo isso ao efeito de estrutura da população das ilhas,

Para uma análise deste indicador ao nível das ilhas é importante realçar, que apesar de ser de cálculo fácil e de uma rápida interpretação, o que constitui o lado positivo do mesmo, tem em contrapartida o lado negativo bastante grande, Pois, é um instrumento de análise muito grosseiro, que isola muito rudimentarmente os efeitos de estrutura por sexo e idade da população, podendo introduzir grandes distorções numa perspectiva comparativa, com maiores proporções quanto mais diferenciados forem as estruturas, o que é o caso de cabo verde com uma amplitude de nível de natalidade na ordem de 19,7%o ,

Daí a necessidade de se utilizar outros indicadores, que possam dar uma ideia que mais realista do nível de fecundidade e que seja isenta do efeito da estrutura da população de Cabo Verde, Para o efeito no ponto que se segue vamos dar atenção a dois indicadores que serve perfeitamente para a análise ao nível nacional, mas consoante for o grau da desagregação, um é mais apropriado ou aconselhado que outro,

## **2.4- FECUNDIDADE ACTUAL**

### **2.4.1-Nível de fecundidade examinado pela taxa global de fecundidade(TGF)<sup>26</sup>**

A validade duma análise feita através da TBN só tem o real sentido quando sabemos que as estruturas não são muito diferente. Ora, como as grandes variações ocorrem nos grupos de idades mais jovens e nos mais avançados, quando utilizamos a TGF já se consegue neutralizar parte destes efeito de estrutura. Este último instrumento de análise é assim mais importante que a TBN.

Contudo apesar desta melhoria qualitativa, nem todos os efeitos de estrutura foram ilimitados, pois podem acontecer que duas populações tenha a mesma proporção de mulheres no período fértil, mas a sua repartição por faixa etária ser diferente. Tem assim que encontrar outros indicadores mais satisfatórios.

A necessidade de se recorrer a outros indicadores que isolem menos, e duma forma menos elementar o verdadeiro modelo da fecundidade é imperativo para a análise do nível de fecundidade. É assim, que vamos apreciar o nível e fecundidade ao nível nacional e também por ilha primeiramente pela TGF, indicador este que possui uma preciosa vantagem em relação à taxa bruta de natalidade, que é o facto de se poder ser utilizado mesmo em pequenas populações, e só depois apreciaremos o ISF.

---

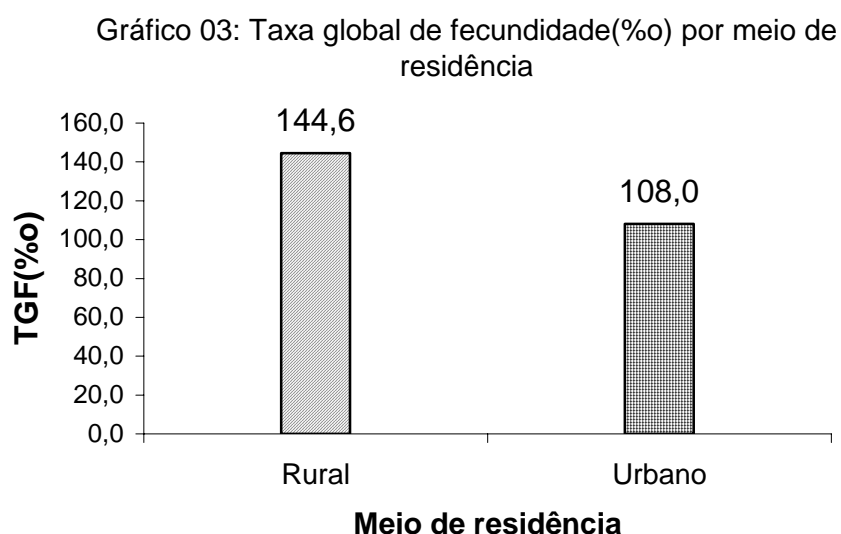
<sup>26</sup> Ver a secção e conceitos e definições

*Para o efeito, da análise do nível de fecundidade actual necessitamos de estudar a procriação de todas as mulheres com idade entre 15-49 anos qualquer que sejam o estado civil.*

Para avaliar o nível de fecundidade em Cabo Verde e nas ilhas começaremos por dar uma visão e uma análise progressistas, dos diferentes indicadores que medem o nível da fecundidade. Já, anteriormente tivemos a oportunidade de tratar a TBN, agora passaremos à análise da Taxa Global de Fecundidade(TGF)

#### **2.4.1.1 Ao nível nacional**

Gráfico 03 que se seguem indica-nos a TGF (também expressa por mil mulheres) por meio de residência.



*Fonte: Anexo 03*

Se o nível de fecundidade em Cabo Verde for medido pela TGF, temos que no meio rural como é de se esperar nascem mais nados vivos do que no rural e se for bem medido esta diferença é de 36,6‰. Ou seja, por cada 1000 mulheres do meio rural nasceu em média cerca de 37 nados vivos a mais que os do meio urbano no período de 15/6/99 a 15/6/2000. Aqui restringimos o grupo, pois trata-se agora exactamente das mulheres de 15 aos 49 anos independentemente do seu estado civil.

Neste particular, chamamos atenção para a diferença que existe entre os dois meios. Pois, é natural que para os menos avisados surjam a seguinte questão: "mas afinal a diferença entre o meio rural e o urbano é de 2,9‰ ou de 36,6‰?"quando se analisa o nível de fecundidade pela TBN e TGF, Na verdade a diferença está exactamente no denominador das duas taxas, a primeira divide-se o total de nados vivos pelo total de habitantes e a segunda divide-se o total de nados vivos pela população dos 15-49 anos,

Consciente, das limitações que acompanham a TGF, mas conjugado com o facto de que este indicador é ainda consistente permitindo ir mais longe na desagregação se tomarmos por exemplo ao nível das ilhas, dizemos que este indicador é mais aconselhado para medir o nível da fecundidade nas ilhas e ter uma ideia mais precisa do nível de fecundidade,

Convém, no entanto salientar que, existe um outro indicador (que vai ser estudado mais à frente neste trabalho) que é melhor que a TGF, Mas, ao nível das ilhas a TGF adapta melhor sob a pena do outro ser influenciado pelos pequenos efectivos das pequenas ilhas, dificultando deste modo a comparação entre elas,

#### **2.4.1.2 - Ao nível da Ilha**

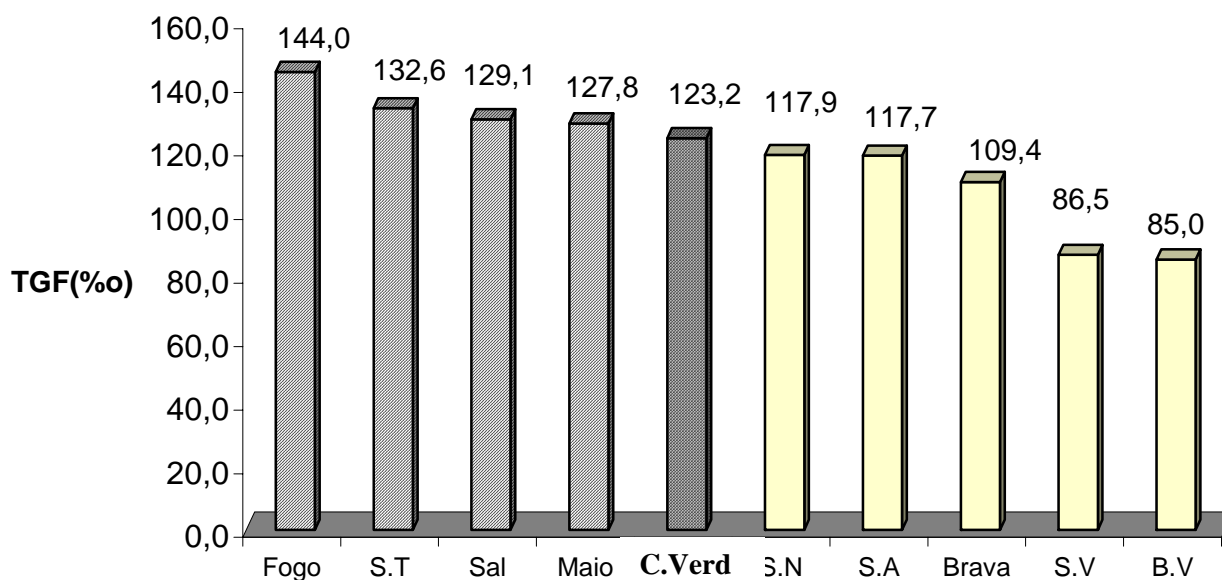
Mais uma vez sublinhamos o facto de que uma comparação mais realista seria conseguida se fizéssemos padronização da estrutura da população. Uma operação teórica que serviria para a interpretação e a comparação. E daí poder-se-ia dizer que se todas as ilhas tivessem a mesma estrutura (por exemplo a da Ilha de Santiago) a taxa global que se chegaria, reflectiria melhor a fecundidade na ilha.

Já que, aceitamos a TGF como o indicador para avaliar o nível de fecundidade nas ilhas, é bom recordar que é um indicador, que pelas características que possui é aplicável a sub populações em detrimento de outros indicadores, quando não são asseguradas total consistência para estes últimos.

Com este pressuposto vamos proceder uma análise gráfica e uma avaliação comparativa do comportamento da fecundidade nas ilhas em relação á média nacional, para melhor compreendermos as diferenças entre elas quanto à reprodução



Grafico 04: Taxa global de fecundiada(‰)



*Fonte: Anexo 03*

S.A= Santo Antão; S.V= S.Vicente; B.V= Boa Vista; S.T= Santiago

Procedendo da mesma forma que tínhamos feita para TBN, constatamos que o nível de fecundidade medido pela TGF é mais elevado na ilha do Fogo(144,0‰) e mais baixo na ilha de Boavista(85,0‰), portanto com uma diferença para a média nacional cerca de 38,2‰.

A ilha do Fogo é, como sabemos a mais rural no conjunto de todas as ilhas. Entretanto, se juntarmos ainda o facto de que é a ilha onde a taxa de prevalência dos métodos anticoncepcionais tinha uma cobertura de 45,4% (inferior à média nacional que é de 53%) entre as mulheres casadas ou em união<sup>27</sup> pensamos que pode explicar em parte o elevado nível de fecundidade medido pela TGF.

A ilha de Boavista regista valores mais baixo tentamos justificar recorrendo à saída de homens, mas não é o caso da Boavista, pois segundo consta nos últimos 5 anos têm recebido pessoas principalmente homens daí a razão para este baixo nível de fecundidade medido pela TGF transcende esta pesquisa, por conseguinte deixamos em aberto esta questão.

<sup>27</sup> IDSR-98 pag 57.

Se pretendermos sintetizar estas informações numa única medida de dispersão, a “amplitude” das observações diríamos que existe uma diferença de 59 nados vivos por cada 1000 mulheres em idade fértil de um extremo a outro, o que dá uma diferença média de cerca de 7 nados vivos de uma ilha à outra por cada mil mulheres em idade reprodutiva.

Nota-se também que em termos da distribuição do nível de fecundidade, contrariamente ao que obtemos com a TBN, através da TGF obtemos uma distribuição mais regular(menos assimétrica). Isto é, a maior parte das ilhas têm nível de fecundidade em torno da média nacional(que se estima em 123,2‰). 5 ilhas(55,6%) tem nível de fecundidade inferior à média nacional. Isto é, por cada 1000 mulheres dos 15-49 anos tiveram em média cerca de 123 nados vivos. Nota-se que a mesma percentagem era maior para o nível de fecundidade medido pela TBN, cerca de(66,7%).

#### **2.4.2- Nível de fecundidade examinado pelo índice sintético de fecundidade(ISF)**

Acabamos de ter uma visão geral do nível de fecundidade à escala nacional e por ilhas. As duas taxas mencionadas anteriormente, apesar de serem as primeiras e de possuírem as vantagens que têm, não dão uma real medida do nível de fecundidade actual pelo facto de serem influenciadas, uma mais de que a outra pela estrutura da população(idade e sexo).

Por isso, é imprescindível que se utilize um outro indicador que, em compensação de não servir para pequenas populações(poucos nascimentos, pequenos números de mulheres de 15-49 anos), quando não é assegurada a sua consistência, possua a característica de não ser influenciado pelas mudanças de estrutura e têm um particular interesse que é o facto de nos indicar a tendência que as gerações têm para se renovar. Tratando-se portanto do Índice Sintético de fecundidade(ISF).

Este índice, que é completamente liberto de efeitos de estrutura, é o indicador retido para avaliar o nível de fecundidade de momento em Cabo Verde. O mesmo designa o número médio de filhos nascidos vivos, que uma mulher teria até o fim da sua vida reprodutiva, se ela fosse submetida a cada ano, à lei da taxa observada em cada geração no momento do Censo.

#### 2.4.2.1- Ao nível nacional e dos grandes centros urbanos

O Quadro 06 indica-nos a fecundidade de momento das mulheres cabo-verdianas avaliada pelo ISF.

<b>Quadro 03: Índice sintético de fecundidade por meio de residência</b>		
Meio de Residência		Índice Sintético de fecundidade(ISF)
Cabo Verde		3,98
C,V urbano		3,39
Grande centros urbanos	Praia Urbano	3,61
	Mindelo	2,61
C.V Rural		4,84

Da leitura do quadro 03 podemos constatar que o valor do ISF se situe à escala nacional em 4,0 filhos médio por mulher, isto é uma mulher cabo-verdiana, chegaria ao fim da sua vida reprodutiva, se a cada idade ela fosse submetida à taxa de momento com 4,0 filhos. Com este nível de fecundidade, a taxa bruta de reprodução (TBR) situa-se a 1,94<sup>28</sup> filhas média por mulher.

A urbanização é um fenómeno em crescendo evolução, que está intimamente ligado as factores socioculturais da população. Segundo muitos estudos o meio de residência influencia muito no nível de fecundidade, na medida em que vários factores que determinam a fecundidade se interagem fazendo com que ela tenha nível diferenciado consoante o meio de residência.

Nesta óptica, se analisarmos o mesmo indicador segundo o meio de residência, constataremos diferenças importantes. Isto é, mulheres residentes no meio urbano são menos fecundas do que as do meio rural. Aliás observação esta também sido evidenciada pelos outros indicadores analisados anteriormente. As mesmas apresentam cerca de 3,4 filhos médio por mulher enquanto que as do meio rural têm em média 4,8 filhos por mulher, ou seja as mulheres ditas do campo têm actualmente em média cerca de mais 1,4 filho por mulher do que as "cidadinas".

Se pontualmente, para os dois maiores centros urbanos do país recorrermos ao índice sintético de fecundidade (ISF), para precisarmos melhor o nível de fecundidade nestes centros urbanos, em comparação com Cabo Verde urbano, destacaremos o da Cidade de Mindelo, em que (94%) da população reside neste centro urbano.

---

<sup>28</sup> Taxa Bruta Reprodução designa o número médio de filhas nascidas vivas que uma mulher teria ao longo da sua vida fecunda na ausência da mortalidade. A proporção de meninas à nascença utilizada é de 0,488

Nela, se por um lado é mais visível os efeitos dos programas levados a cabo, com intuito de reduzir o nível de fecundidade, o que fez com que a taxa de prevalência dos métodos contraceptivos, que é um dos indicadores, que (não isoladamente) avalia o programa de planeamento familiar, tenha tido uma cobertura de 81%, contra pouco mais de 60% na Praia <sup>29</sup> (entende-se a Cidade da Praia- Capital do país), constatamos que o ISF é de 2,6 filhos médio por mulher. O mesmo, situa-se abaixo da média nacional para o conjunto dos centros urbanos do país, correspondendo portanto a uma diferença média em relação ao outro grande centro urbano (Capital do país) de exactamente 1 filho médio por mulher(Quadro 06).

Por outro lado, pensamos também que esta diferença talvez se deva sobretudo à taxa de alfabetização que é praticamente a mesma para os dois centros urbanos (81% em S.Vicente e 82% na Praia). Concluimos portanto que a tendência do nível de fecundidade entre esses dois grandes centros urbanos do país é muito semelhante ou seja o padrão reprodutivo é quase o mesmo.

A Cidade do Mindelo, tem ainda, sobre este particular, um facto curioso, duma relativa preocupação quanto à procriação. Pois, se por um lado este índice (que é de 2,6 filhos médio por mulher), encontra-se relativamente próximo do número ideal médio de filhos desejados(2,3 por mulher e 2,6 pelos homens)<sup>30</sup>, por outro situa-se também muito próximo do valor limite da substituição de gerações(2,1 filhos por mulher)<sup>31</sup> o que poderá indiciar ainda atenção acrescida a esse respeito,

principalmente em relação à hipótese do envelhecimento a prazo da população sãovicentina, o que trará repercussões socio-económico para o país.

Para finalizarmos esta pequena abordagem, salientamos que a comparação deste indicador com outras fontes, principalmente com o Censo de 1990 estará em foco no capítulo tendência da fecundidade.

Concluídos a análise do nível geral de fecundidade e ao nível dos dois maiores centros urbanos do país, através do ISF, pretenderíamos ir mais longe nesta abordagem, descendo mesmo ao nível de todas as ilhas. Bem que gostaríamos de poder apresentar, com a total segurança de que este indicador será consistente, o nível de fecundidade nestas diferentes ilhas. Mas como se sabe existem algumas ilhas que poderão causar problemas ao indicador e por isso vamos em definitivo ficar com o nível de fecundidade medido por um índice sintético de fecundidade ao nível nacional, e por meio de residência, destacando a excepção feita em relação à Praia e Mindelo. Entretanto, encontra-se em anexo, para as possíveis consultas, o quadro com o ISF para todas as ilhas, mas deixamos claro que este indicador poderá estar influenciado pelos pequenos efectivos. Nos níveis geográficos onde não asseguramos a total consistência do indicador (ISF), o nível de fecundidade foi medido pela taxa global de fecundidade, conforme indicaram os quadro ou gráficos tratados anteriormente.

---

<sup>29</sup> IDSR-98 pag 56

<sup>30</sup> - IDSR-98 pag 96

<sup>31</sup> Na realidade sabemos que atendendo às condições de mortalidade existente nos países desenvolvidos, para que as gerações se renovem é necessário que cada mulher tem em média cerca de dois filhos (2,1). Tal significa que quando um país tem uma descendência final média inferior a 2,1, as gerações já não se renovem e que devido à inércia dos fenómenos demográficos, a prazo a população estará em declínio.

Contudo, contamos apresentar ainda, neste trabalho o ISF para os grandes concelhos do país, onde os efectivos permitiram tal abordagem. Neste sentido, o quadro que se segue faz uma abordagem comparativa do nível de fecundidade entre alguns concelhos do país.

#### 2.4.2.2- Ao nível dos maiores concelhos do país.

O quadro que se segue indica-nos o índice sintético de fecundidade para os maiores concelhos do país.

**Quadro04:** Índice Sintético de fecundidade segundo os grandes concelhos

Grandes concelhos	<i>Praia</i>	<i>S.Vicente</i>	Tarrafal	Santa Catarina	Santa cruz
ISF(fil/mulh)	3,66	2,62	4,40	4,65	5,06

Numa comparação feita entre os maiores concelhos do país, dois extremos são verificados: o primeiro é que, para além da taxa de prevalência dos métodos anticoncepcionais ter uma cobertura de 36%, 31%, 26%<sup>32</sup>, respectivamente, para Santa Cruz, Tarrafal e Santa Catarina, verificamos que, se pontualmente recorrermos a um outro factor que muito influi no nível de fecundidade podemos justificar que o nível de instrução é ainda o factor que mais determina o nível da fecundidade. Pois, estes três concelhos são ao par de muitos outros, os que o analfabetismo atinge níveis mais elevados.

Neste concelhos constamos ainda que, o ISF são todos superiores à média nacional registando-se em média 5,1; 4,7 e 4,4 filhos por mulher, respectivamente. No outro extremo, com ISF mais baixos estão os concelhos da Praia e S. Vicente que para além de possuírem maiores taxa de prevalência dos métodos contraceptivos, nestes registam-se também maiores taxa de analfabetismo<sup>33</sup>.

Para finalizarmos o comentário relacionado com o nível de fecundidade actual em Cabo Verde, vamos juntar aos indicadores acima analisados, um outro que é a idade média à procriação(IMP), visualizado somente ao nível nacional, porque certamente, pela relação com ISF também sofrerá o mesmo efeito. Esta, é então a razão do não tratamento deste índice ao nível mais desagregado.

<sup>32</sup> Pag 56 IDSR-98

<sup>33</sup> confrontar com o tema Educação.

## **2.5 – ESTRUTURA FECUNDIDADE ACTUAL**

Para análise da estrutura vamos utilizar dois indicadores a saber: o ISF e o Índice resumo do calendário de fecundidade geralmente conhecido pela Idade média à Procriação (IMP). A análise da estrutura de fecundidade será feita ao nível nacional e por meio de residência. Pelo motivos relacionados com os pequenos números, não nos é possível apresentar uma abordagem explicativa da taxa específica de fecundidade ao nível das ilhas e muito menos por concelho. Entretanto constará do anexo um quadro com as taxas específica por idade para todas as ilhas, salientando contudo a precaução na sua utilização.

O padrão reprodutivo é o aspecto que estará evidente neste trabalho quando analisarmos a estrutura de fecundidade das mulheres cabo-verdianas, através do quadro 08 e da visualização gráfica da variação da taxa específica de fecundidade por idade da mãe.

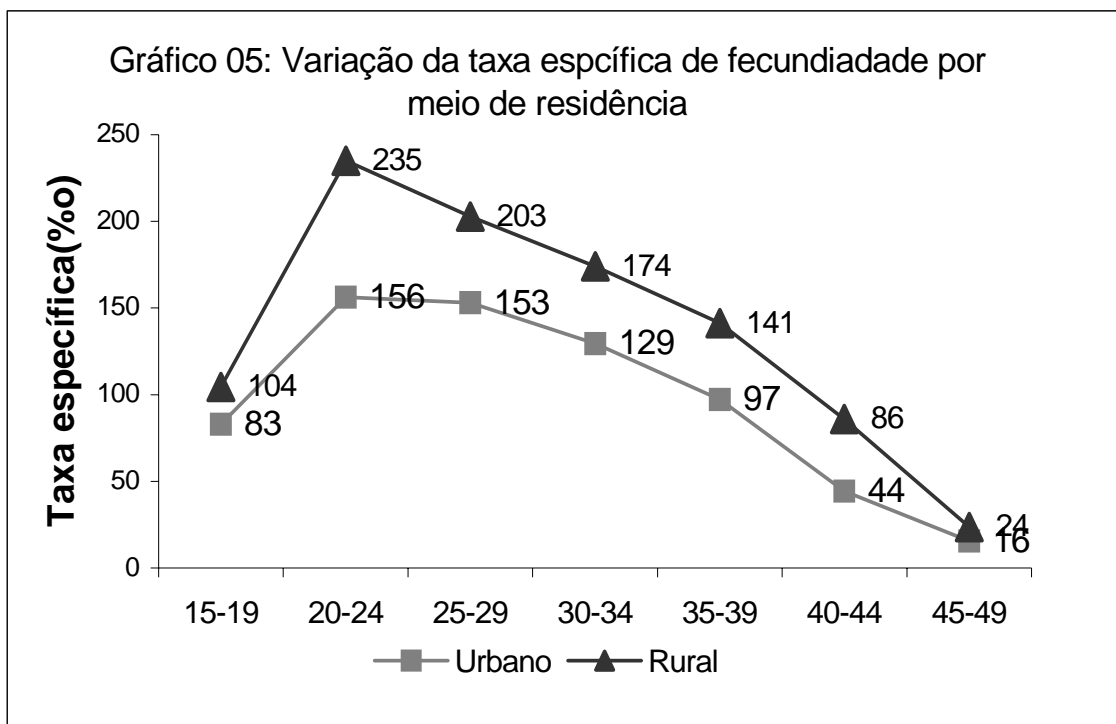
### **2.5.1-Examinada pela taxa específica de fecundidade(%o) por grupo etário ao nível nacional**

A chance que uma mulher tem de dar luz a uma criança nascida viva varia em função da sua idade. O exame da série (quadro estrutura de fecundidade) mostra-nos que ela é mais elevada para as mulheres de menos de 39 anos, isto é, mais precisamente de 20 a 29 anos.

O Gráfico 05 abaixo, é, no estudo da fecundidade, um dos mais importantes gráficos, pois para além das suas características e particularidades próprias que o caracteriza, é origem de todos os outros importantes gráficos que se utilize para análise da fecundidade com base em filhos nascidos vivos.

O mesmo representa a curva de fecundidade da população feminina cabo-verdiana por grupos etários, donde depreende-se que parece ser característico duma população cuja a cultura de utilização de métodos contraceptivos está crescentemente interiorizada na mente e nos hábitos.

Pois, caracteriza-se por uma concentração das taxas de fecundidade entre os 20 e 30 anos, coerente com muitas pesquisas onde demonstraram que o controlo voluntário dos nascimentos proporciona uma maior redução destes nas mulheres de idade mais “avançada”, ou melhor a partir dos 30 anos.



O padrão da fecundidade por idade da mulher apresenta o mesmo comportamento segundo meio de residência, evidenciando uma semelhança no calendário reprodutivos entre os dois meios (nota-se, portanto que os jovens têm praticamente o mesmo número de filhos para os dois meios).

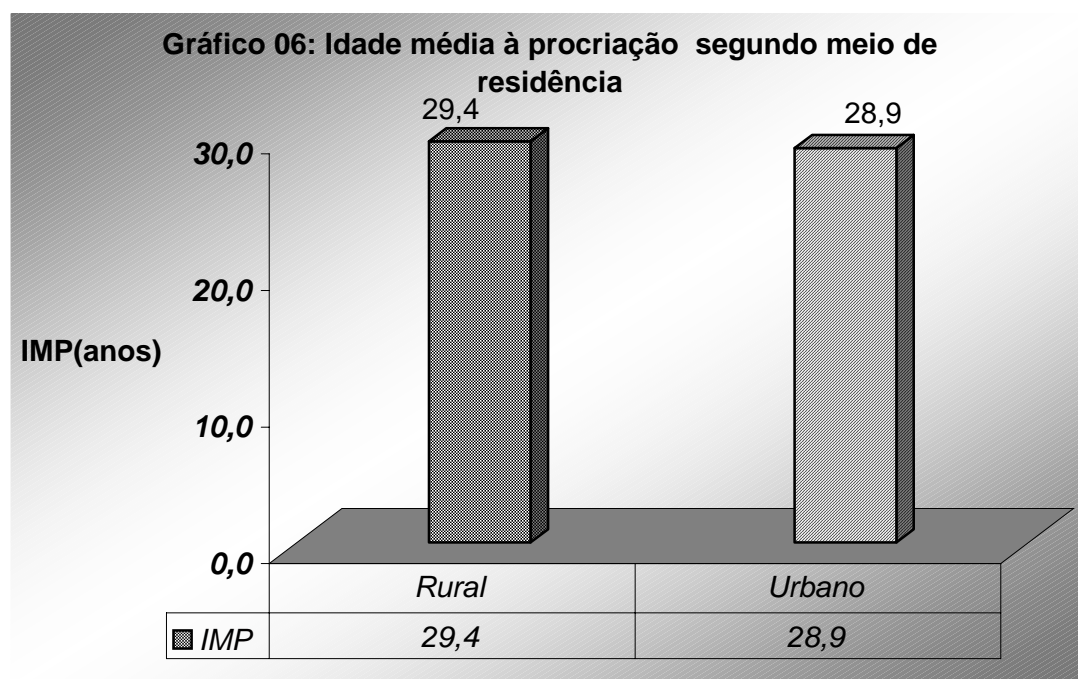
Entretanto, em relação aos níveis de fecundidade, por idade estes, apresentam-se bem menores, e em todos os grupos etários, para as mulheres do meio urbano quando comparadas com as do meio rural, cuja diferença no ponto máximo atingido pelas curvas é de 79 filhos por mil mulheres a favor das do meio rural. O que ainda é natural e justificada pelo menor acesso e consequentemente menores conhecimentos e utilização dos meios contraceptivos, proporcionados principalmente pelos diversos programas levados a cabo pelas associações afins. E também devido sobretudo à maior taxa de analfabetismo que se verifica no meio rural do que no urbano.

Duma análise gráfica depreendemos ainda que a taxa específica de fecundidade cresce rapidamente, atingindo o seu máximo na faixa etária dos 20-24, e iniciando a sua descida nos grupos etários superiores, no início lenta e depois mais rápida principalmente a partir dos 35-39 anos, aliás grupo esse, que como sabemos inicia a chamada gravidezes de risco. Digamos, portanto que esta estrutura é mesmo típica da curva de fecundidade.

Se quisermos, à título adicional, juntar à estrutura da fecundidade a abordagem do indicador resumo do calendário da fecundidade, teríamos que o fazer através da IMP. É nesta óptica que o ponto seguinte se assenta.

### 2.5.2 Examinada pela idade média à procriação em anos(IMP)

O gráfico seguinte representa a idade média à procriação das mulheres cabo-verdianas de 15-49 anos por meio de residência



A idade média à procriação, que é um indicador do calendário da fecundidade é de 29,2 a nível nacional. Este indicador é quase o mesmo para os dois meios. Isto é 28,9 para o meio urbano e 29,4 para o meio rural ou seja uma mulher do meio urbano começa actualmente a ter filhos meio em média meio ano antes da do meio rural.

Estas pequenas diferenças entre as idades médias à procriação segundo o meio de residência, isto é, praticamente a mesma que a média nacional, ao contrário do que se esperaria, parece traduz numa relativa similitude dos comportamentos e no padrão reprodutivo entre os dois meios. Facto esse, que apesar de ser irrelevante, se for analisado individualmente no contexto estatístico, poderá significar muito quando analisados em conjunto com outros factores.



Nesta perspectiva, parece lógico o seguinte raciocínio: se considerarmos que a percentagem de mulheres que utilizam a contracepção é mais elevada no meio urbano(70%) contra (38%) do meio rural <sup>34</sup> e, se a esse facto juntarmos ainda o de que o analfabetismo é pelo contrário um fenómeno mais rural do que urbano, ficaríamos sem perceber o porquê da IMP ser ligeiramente mais baixo no meio urbano do que no rural se não levássemos em consideração um fenómeno muito preocupante que é o facto da precocidade da fecundidade ser ligeiramente maior no meio urbano (idade mediana de nascimento do primeiro filho é de 20,6 contra 21,1 no meio rural). Alias, o que também é coerente com IMP visto anteriormente com a mesma diferença(0,5 anos) entre os dois meios.

Mas, se a todos estes argumentos juntarmos ainda o de que no meio urbano, há maior divulgação e sensibilização dos meios anticoncepcionais, o facto da fecundidade ser mais precoce neste meio e não se compreender bem o porquê das mulheres do meio urbano terem filhos mais cedo, parece um pouco paradoxal. Aliás, o que parece indiciar também que a o fenómeno das gravidezes precoces esteja a aumentar. Mas esta dúvida será desvendada no ponto em que estará em destaque a análise da fecundidade dos adolescentes e no capítulo tendência de fecundidade onde vamos analisar proporcionalmente os nascimentos nas jovens.

Findo a análise à estrutura global da fecundidade, quisemos saber o que se passa com a estrutura de fecundidade para os dois grupos de ilhas de Cabo Verde numa análise comparativa entre eles e relacionados com a média nacional. Mas defrontamos novamente com o problema de, em algumas ilhas, os nascimentos por grupo de idade serem considerados pequenos e a taxa específica de fecundidade ser altamente influenciada, o que implicaria uma análise condicionada. E pelos argumentos já apresentados vamos dar por satisfeitos com a análise da estrutura somente para o nível nacional e por meio de residência. Pois, parece que a estrutura por ilha irá seguir a mesma característica da curva de fecundidade estudada.

O ponto que se segue abordará em especial as jovens adolescentes. E será uma oportunidade para explicarmos melhor algumas dúvidas que possivelmente tenham ficado da leitura da situação descrita anteriormente. Principalmente quando tivermos oportunidade de analisar a idade média de procriação, que é ligeiramente inferior no meio urbano que no rural. Contudo, salientamos ainda que se estas dúvidas persistirem teremos a oportunidade de as explicar no capítulo evolução de fecundidade.

---

<sup>34</sup> *IDS*R pag 56,

## 2.6 - Fecundidade dos adolescentes(mulheres de 12 a 19 anos)

Os adolescentes são jovens que constituem temas de actualidades e de severas discussões, que, muitas vezes não têm soluções eminentes. Pois, é sobre elas que passaremos a falar. Neste ponto, analisaremos sobretudo a fecundidade das jovens raparigas, e o peso que o nível da fecundidade delas tem na fecundidade das mulheres cabo-verdianas, deixando pistas para os estudos mais aprofundados desta camada tão vulnerável.

Por razões de compatibilidade, o conceito de adolescente que, geralmente, varia duma pesquisa à outra, duma sociedade à uma outra, será idêntica àquela definida na análise da nupcialidade. Deste modo, consideramos como adolescentes as jovens raparigas dos 12 a 19 anos.

A fecundidade cabo-verdiana mantém-se ainda relativamente elevada, devido ao comportamento reprodutivo das mulheres das outras gerações que ainda têm repercussões nas novas gerações. Isto, é as mulheres mais velhas ainda estão a ter filhos conjuntamente com as mais novas. É reconhecido que o as gravidezes precoces podem também ter a sua influência no nível, pois a grande maioria das mulheres tem o seu primeiro filho antes dos 25 anos e uma boa parte delas têm-nos mesmo antes dos 20 anos (segundo IDSR a idade mediana no nascimento do primeiro filhos é de 20,8 anos ao nível nacional),

A fecundidade em Cabo Verde vem-se confrontando desde alguns anos com uma recrudescência de gravidezes não desejadas nas jovens adolescentes (50%)<sup>35</sup>, Assim, o número de mães com menos de 20 anos não para de aumentar, Apesar da importantes campanhas de sensibilização e utilização de meios contraceptivos levados a cabo pelas entidades afins. Com efeito, é raro nos nossos dias encontrar uma jovem de 20-25 anos sem ter pelo menos um filho nascido vivo, mesmo as solteiras,

As jovens dos 12 aos 19 anos, representam 28,5% no universo das mulheres cabo-verdianas (151916 mulheres). A fecundidade dessas adolescentes<sup>36</sup>, sub-grupo que representa mais que 2/5 ou seja, corresponde a cerca de 41,9% do conjunto das mulheres em idade de procriar (15- 49) anos, é aqui medido pelo número médio de filhos a estas idades, isto é, 12-14 e 15-19, e pela sua contribuição com as taxas específicas de fecundidade para o ISF (ao nível nacional).

---

<sup>35</sup> IDSR pag 106

<sup>36</sup> Fenómeno demográfico segundo o qual uma pessoa de sexo feminino com idade inferior a 20anos dá à luz uma criança(nascida viva)

### 2.6.1- Examinada pelo número médio de filhos nascidos vivos atingidos.

O quadro que se segue indica-nos o número médio de filhos nascidos vivos por jovens menores de 20 anos.

<b>Quadro 05:</b> número médio de filhos nascidos vivos por jovens raparigas ou descendência atingida.		
Idade	<i>Urbano</i>	<i>Rural</i>
12-14	0,003	0,002
15-19	0,186	0,218

De acordo com os dados do Quadro 05 o número médio de filhos por jovens de 12-14 é quase o mesmo para os dois meios. Sendo que à escala nacional este valor é de 0,002, o que significa por outras palavras uma fraca existência de filhos antes dos 14 anos.

Contudo, já no grupo etário 15-19 anos, verifica-se diferenças significativas entre os meios. Pois, o número médio de filhos por raparigas é de 0,199 para o nível nacional, sendo o meio urbano, que apesar de ter cerca de 4 mil (3955) jovens raparigas a mais que o meio rural elas têm actualmente um acumular de 0,186 filhos médio por raparigas. Enquanto que no meio rural com 10336 raparigas dos 15-19 anos cada uma da mesma faixa etária têm, já em 2000 uma descendência média atingida de quase o dobro (0,218) de filhos médio nascidos vivos.

Entretanto, convém não assentarmos a nossa análise somente nestes parâmetros, pois, obviamente ela tem de ser feita noutra vertente. Na verdade, o Censo 2000 dá-nos conta de que estas raparigas do meio urbano, que são em maior número, têm naturalmente em termos de efectivos mais filhos do que as do meio rural. Entretanto, resta-nos saber ainda se em termos proporcionais estes dados vivos têm ou não maior peso. Recorde-se que, também a mesma análise poderá servir para explicar o porquê das gravidezes precoces parecer estar a aumentar.

### 2.6.2- Examinada pela contribuição relativa dos grupos etários na fecundidade em Cabo Verde.

O quadro abaixo ilustra-nos a taxa de fecundidade para os grupos etários dos adolescentes e a sua contribuição relativa para a fecundidade geral por meio de residência.

Quadro06: taxas específicas de fecundidade e a contribuição relativa das jovens na fecundidade das mulheres cabo-verdianas (1990-2000).		
Idade	<i>Urbano</i>	<i>Rural</i>
12-14	0,001	0,001
15-19	0,083	0,104
<b>Contribuição relativa(%)</b>	12,3	10,9
<b>Contribuição relativa(%) geral</b>	13,2	10,5

Quanto à análise da fecundidade actual das jovens, referimo-nos aos nascimentos nos últimos 12 meses, o quadro 06 indica-nos as taxas específicas de fecundidade das jovens e consequentemente a contribuição relativa delas na fecundidade do país.

Comparativamente aos meios de residência, podemos dizer que a diferença da contribuição é na ordem de +1,4% para as raparigas do meio urbano. Ou seja, em média cada 100 raparigas do meio urbano contribui com 1,4 filho a mais do que cada 100 rural.

Uma análise mais aprofundada do quadro, permite-nos verificar que, se por um lado em termos de efectivos não se registam grandes diferenças de nascimentos entre os meios, por outro verificamos que as jovens do meio rural, que em termos médios têm mais filhos do que as do meio urbano, dão obviamente maior contributo no ISF para Cabo Verde. Isto é, em média cerca de 13,2% da fecundidade em Cabo Verde é assegurada pelas jovens do meio rural e 10,5% provem das do meio urbano. Entretanto, no contributo relativo dentro de cada meio de residência o cenário é inverso, com cerca de 10,9% dos nascimentos no meio rural e 12,3% dos do meio urbano provém das jovens(Quadro 10).

Esta comparação, que apesar ser correcta na sua legitimidade, não evidencia o que realmente está-se a passar. Pois, se por um lado é verdade que o declínio da fecundidade, que é merecido sobretudo pelo decréscimo do número médio de filhos, a partir dos 25-29 anos, que por sua vez está fortemente relacionado com o planeamento familiar (necessidade de planeamento aumenta com a idade e com o número de filhos tidos - IDSR) e consequentemente a taxa de prevalência, que é maior nos grupos etário intermédios, por outro, não é menos verdade que isto, pode induzir-nos e, levar-nos a concluir que os diversos programas de sensibilização e divulgação dos meios anticoncepcionais não estão a ter impactos desejados e esperados nas jovens, visto que o objectivo é por conseguinte, retardar o processo reprodutivo nesta camada tão vulnerável.

Porém, não é negligenciável a descida do número de filhos que se verifica nas jovens dos 15 aos 19 anos verificada desde 1998. O mesmo, passou de 100 para 92 filhos nascidos vivos por cada 1000 raparigas, se tomarmos como ponto de referência o nível de fecundidade verificado no meio período concernente a 1995-1998 conforme ilustra o *IDSR-98*.

Para finalizarmos este ponto, que é no mínimo preocupante, podemos salientar que embora estas informações possam não ser estatisticamente relevantes, serão certamente no contexto socio-cultural, sobretudo quando todos sabemos que actualmente existem muitas medidas restritivas que o governo equaciona tomar em torno da tão falada e polémica medida que consiste em expulsão ou não das jovens grávidas das escolas, mais preocupante, é ainda o facto de, apesar da divulgação dos meios anticoncepcionais e muitos eventos que foram levados a cabo neste sentido ainda haja um nível relativamente elevado das gravidezes precoces, principalmente no meio urbano quando muito se pensava e esperava que poderia diminuir.

## **CAPITULO III- OS DETERMINANTES DA FECUNDIADADE.**

A fecundidade, como um fenómeno demográfico é determinada pelas diversas variáveis independentes e intermediárias. Algumas dentre elas, nomeadamente, a urbanização (o meio de residência), o nível de instrução, o estado civil, foram recolhidas no decurso do Censo 2000. Muitos estudos puseram em evidência os efeitos destas variáveis, que também são conhecidas por variáveis socioculturais, sobre a fecundidade. É nesta perspectiva que a vamos assentar a nossa análise deste capítulo.

Vimos no capítulo anterior o nível e a estrutura da fecundidade. Este nível, pode, contudo, ocultar as disparidades importantes que possam existir entre as diferentes camadas sociais e por diferente meio de residência, da população em matéria de procriação. São exactamente estas disparidades que fazem parte integrante da análise neste capítulo. Com objectivo de eliminar o efeito das mudanças de estrutura da população, porque estamos a referir á sub-população, esta análise será baseada em dois seguintes indicadores do nível da fecundidade o número médio de filhos nascidos vivos (Descendência média atingida) e o índice sintético de fecundidade (ISF).

### **3.1-A SITUAÇÃO MATRIMONIAL**

#### **3.1.1-Variação no índice sintético de fecundidade**

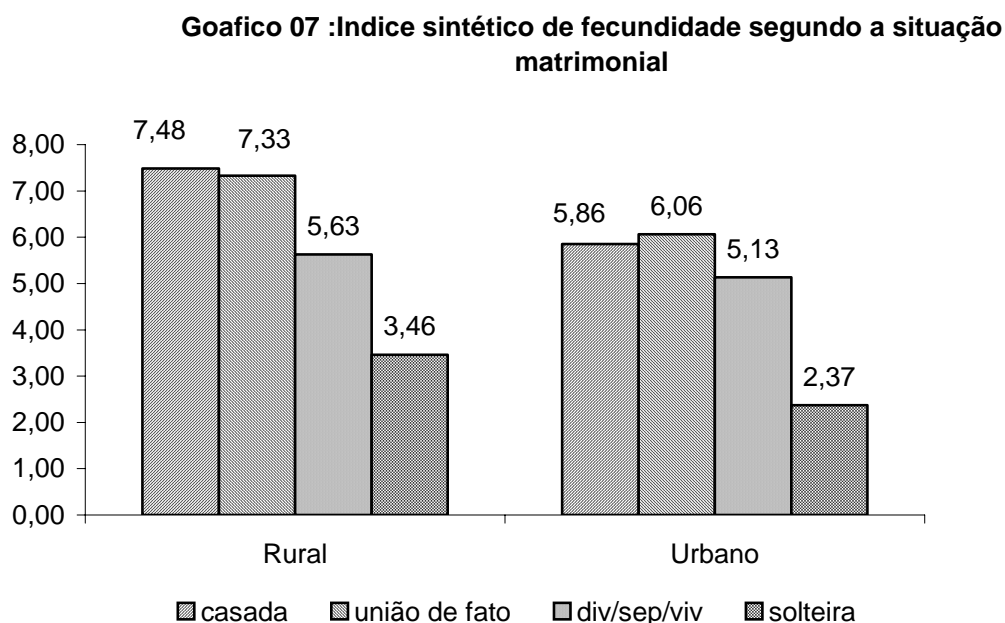
O casamento ou união de facto pode ser considerado como um indicador da exposição mulher ao risco de engravidar. Facto esse, de extrema importância para a análise da fecundidade. Pois, o casamento precoce implica processo reprodutivo muito jovem e apresenta geralmente alto nível de fecundidade.

Segundo várias pesquisas que tratam do impacto da situação matrimonial sobre a fecundidade admitem existir uma correlação positiva entre esses dois fenómenos, isto é, a nupcialidade e a fecundidade. Em quase todas as sociedades, a maioria dos nascimentos são legítimos<sup>37</sup>. Isto é, a fecundidade geral é influenciada principalmente pela fecundidade legítima, que por seu turno comandada a intensidade e o calendário(distribuição) da nupcialidade.

---

<sup>37</sup> Quer-se dizer, os que se ocorrem no seio do matrimónio. Em Cabo Verde cerca, de 61% dos nascimentos provêm das mulheres casadas ou que vivem em união de facto, em que nestas últimas os nascimentos representam maior a proporção, naturalmente porque são em maior número.

O gráfico 07 abaixo, é bastante elucidativo, e pretende ilustrar melhor as diferenças do nível de fecundidade actual para todas as mulheres, cabo-verdiana consoante o seu estado civil, e segundo o meio de residência.



Da análise do gráfico 07, constatamos claramente e sem nenhuma estranheza que as mulheres em união tem um nível de fecundidade mais elevado do que as não unidas independentemente do meio em que vivem.

Verificamos ainda que o tipo de união não discrimina a fecundidade das mulheres, isto é, não há diferenças significativas entre o nível de fecundidade das casadas (ISF=6,6) e o das em união de facto, apesar de ser o estatuto matrimonial predilecto das cabo-verdianas para viverem em união, elas têm actualmente em média 6,5 filhos por mulher.

O nível de fecundidade relativamente baixo das mulheres solteiras (ISF=2,8) abaixo da média nacional (ISF=4,0) pode ser explicado pela sua fraca exposição ao risco de concepção. Mas, mesmo assim, e com intuito de agudizar um pouco o “apetite” para o tópico que se segue, salientamos este facto e relativizá-lo um pouco. Pois, sem pretendermos entrar em muitos detalhes, considerámo-lo um fenómeno social peculiar em Cabo Verde, se tomarmos como referência o contexto africano, onde o casamento ocorre bem cedo, e por conseguinte ser merecedor de uma especial atenção, e tratamento diferenciado.

Só para “espreitarmos” um pouco este fenómeno, que terá maior impacto, talvez análise às mães solteiras, constatamos que, como são em muito maior número têm, também naturalmente em termos absolutos mais filhos que as casadas. Contrariamente, as mulheres separadas/divorciadas/viúvas têm o nível de fecundidade (ISF=5,4 filhos por mulher), superior à média nacional.

Em suma, digamos que a situação matrimonial das mulheres cabo-verdianas tem um papel determinante no nível de fecundidade: as mulheres em “união” que representam mais de 2/5 ou seja cerca de 44% das mulheres em idade de procriar, são as mais fecundas. Consequentemente são responsáveis por 61% dos nascimentos em Cabo Verde. Importa salientar também, que consideramos o nível da fecundidade das divorciadas/separadas/viúvas relativamente elevado (5,4 filhos em média por mulher) o que difere em média cerca de 1,4 filhos do que é observada à escala nacional.

### ***Fecundidade das Solteiras***

Para finalizarmos o item “fecundidade & estado civil”, talvez seja interessante se isolássemos um pouco as solteiras e déssemo-lhes uma análise diferenciada. Consciente ainda de que talvez seja mais interessante se elas fossem abordadas no tema “situação das mulheres cabo-verdianas”, mas considerando também que uma análise a este sub-grupo pudesse enriquecer um pouco este relatório, propomos abordá-la. É nesta óptica que, neste pequeno ponto, vamos tratar do comportamento das solteiras em relação à procriação, e do seu contributo para a fecundidade geral, fazendo uma comparação com o nível de fecundidade de outro estatuto matrimonial, ressaltando sobretudo algum grupo de idade que se mostrar pertinente. Principalmente se existir algum grupo etário em que a fecundidade das solteiras seja superior às das casadas ou unidas.

Em muitas sociedades, a procriação é um fenómeno tipicamente para as “unidas”. Porém, sem intenção de nos imiscuirmos no processo reprodutivo das solteiras, é legítimo aqui, examinar um pouco mais a fecundidade desse sub-grupo, por ser um aspecto sociológico típico de Cabo Verde.

Se é verdade que, se por um lado a união é um indicador da exposição da mulher ao risco de concepção, por outro não é menos verdade que as solteiras de 12 anos ou mais, que representam cerca da metade da população feminina, de interesse para o tema em análise, dêem um contributo relativamente importante para a fecundidade total em Cabo Verde.



O quadro seguinte indica-nos a fecundidade das solteiras por grupo etário segundo o meio de residência. Sublinhamos mais uma vez que o nosso principal objectivo é de verificar se existe algum grupo etário especial em que as solteiras são mais fecundas, que as casadas ou unidas.

**Quadro 07:** Taxa específica de fecundidade(‰) das mulheres solteiras de Cabo Verde.

Grupo idade	Urbano	Rural
15-19	54	67
20-24	103	174
25-29	100	138
30-34	93	133
35-39	67	98
40-44	36	67
45-49	22	16
TGF(‰)	74	103
ISF	2,38	3,47

Efectivamente, este facto não se verifica, pois, apesar de serem em maior número quando se faz o quociente (filhos por mulher) já não superam as casadas ou unidas. Curiosamente desta estrutura verificamos que é também no grupo intermédio onde as mulheres solteiras são mais fecundas com uma diferença média entre esses grupos a ser menor(10 filhos nascidos vivos por cada mil mulher) no meio urbano do que no meio rural(41 filhos por cada mil mulheres).

Do quadro 07, podemos constatar que cada solteira dá em média 2,9 filhos nascidos vivos, e que como era de se esperar as solteiras do meio rural são mais fecundas que as do meio urbano com cerca de 1 filho em média a mais que estas últimas.

Portanto, a título de conclusão, podemos dizer que o nível de fecundidade das solteiras que apesar de termos levantado a hipótese ser um problema peculiar de Cabo Verde, não cabe a este relatório a avaliação da sua magnitude, mas sim constituir pistas para estudos mais aprofundados.

### 3.2-O NÍVEL DE INSTRUÇÃO

O nível de instrução aparece em diversos estudos com relação directa à fecundidade, como uma das variáveis que pode jogar de maneira determinante sobre as variáveis intermediárias da fecundidade. Com efeito, o nível de instrução pode ter uma influência não desprezível.

- Sobre a nupcialidade retardando a idade ao casamento;
- Sobre o conhecimento e utilização dos meios contraceptivos.

Por intermédio destes factores, a escolarização das mulheres em princípio tem uma tendência para diminuir a fecundidade. A relação entre o nível de fecundidade e o nível de instrução é uma das várias questões que levantamos no início deste documento. O nível de instrução, que foi medido pelo nível de ensino mais elevado que a pessoa frequentou ou anda a frequentar<sup>38</sup>, é pois, um dos principais factores que faz com que a mulher um comportamento positivo em matéria de fecundidade. O conhecimento e a prática de contracepção estão estritamente ligados à educação. O mesmo, influencia também, na receptividade das mensagens de medicina preventiva, principalmente no que tange às mulheres.

Pesquisas anteriores mostraram que o nível de instrução tem uma relação inversa com a fecundidade. Isto é, mulheres com baixo nível de instrução têm em geral mais filhos do que as com nível de instrução mais elevado. É neste pressuposto que a análise deste ponto se assunta.

#### 3.2.1 variação no número médio de filhos nascidos vivos atingidos

O quadro que se segue indica-nos a descendência final e o índice sintético de fecundidade por nível de instrução. A análise da influência do nível de instrução sobre a fecundidade será vista primeiramente sobre a descendência final e depois sobre o ISF.

Quadro 08: Índice sintético de fecundidade (ISF) e descendência final (D50), por nível de instrução.			
	Mulheres (15-49)	Descendência final (D50)	ISF (15-49)
Nacional	103178	5,64	3,98
Sem nível/Pré-escolar	13685	6,24	4,69
Alfabetização	4776	6,14	3,36
E B I	53115	4,87	4,54
Secundário	28296	2,91	2,78
C. Médio/Superior	2158	2,10	2,17

<sup>38</sup> Manual de Agente Recenseador

Quando se analisa a “descendência final” por nível de instrução, podemos dizer que ela também mantém a relação inversa com o nível de instrução. Pois, o número médio de filhos nascidos vivos por mulher aos 50 anos, ou seja, mulheres que normalmente na sua maioria já finalizaram sua vida reprodutiva, também é influenciado pelo nível de instrução. Assim, a média de filhos nascidos vivos atingida por mulheres sem nível de instrução é de 6,2, reduzindo para menos de metade daquelas que frequentam ou frequentaram o curso médio/superior (2,1 filhos médio por mulher). Do mesmo quadro podemos constatar ainda que as mulheres com pouco nível de instrução têm em média uma descendência superior à descendência média nacional, contrastando com as de nível de instrução mais elevado que têm uma descendência média inferior à média nacional.

### **3.2.2 Variação no índice sintético de fecundidade**

Se juntarmos à informação anterior, o indicador da fecundidade do momento (ISF), constataremos que, segundo os dados do quadro, visto anteriormente, as mulheres sem nível de instrução ou com instrução pré-escolar, têm em média 4,7 filhos por mulher, portanto superior à média nacional quando se consideram o ISF para todas as mulheres de 15-49 anos (4,0 filhos por mulher). Importa dizer antes de mais que não se fez a separação das sem nível e das com nível pré-escolar, porque não há diferença significativa do número médio de filhos para estes dois níveis de instrução.

No extremo oposto, estão as mulheres com nível de ensino mais elevado, isto é, curso médio/superior. Elas, como era de se esperar apresentam o nível de fecundidade mais baixo (2,2 filhos médio por mulher). As mulheres com nível de ensino intermédio apresentam também o nível de fecundidade intermédio às duas categorias extremas. Entretanto, o que é interessante, é que com excepção feita entre a alfabetização e o EBI, este índice segue a mesma relação ou variação esperada. Isto é, mulheres com nível de instrução mais elevado apresentam nível de fecundidade mais elevado.

Se nos apoiarmos nos dados do IDSR-98, fonte mais recente, para fazermos esta comparação, convém frisar, que embora, para a categoria de “sem nível” não tenha incluído o pré escolar, consideramos razoável a comparação visto que também o Censo-2000 dá-nos conta de que não existem diferenças significativa do nível de fecundidade dos entre os dois. Daí poder-se-á, deduzir que em média essas mulheres apresentam menos 2,2 filhos quando são comparadas com as da mesma categoria no *IDRS-98*. será muito quando à escala nacional a diferença quase inexistente?

As mulheres que frequentam ou frequentaram a Alfabetização tem actualmente menos filhos do que as sem nível ou pré-escolar e também têm menos filhos que as que frequentam ou frequentaram o EBI. Mas, se atendermos a relação em que nível mais alto tem geralmente menos filhos há que se encontrar uma explicação para a excepção que se verifica ao nível nacional.

Na verdade o ISF para as mulheres que frequentam ou frequentaram o Alfabetização é 3,4 filhos médio por mulher e para as que frequentam ou frequentaram o EBI é 4,5 filhos médio por mulher, pois para além de em termos médio nas mulheres com EBI têm mais filhos do que as com alfabetização, podemos encontrar uma justificação no facto de que proporcionalmente os filhos nascidos vivos actualmente nas mulheres com EBI são superior ao das mulheres com alfabetização. Ou por outras palavras, existem actualmente poucos nascimentos das poucas mulheres com alfabetização e muitos mais nascimentos nas muitas mulheres com EBI.

Para finalizarmos esta abordagem convém frisar que o nível de instrução não foi explorado por meio de residência, porque a taxa de fecundidade encontrada segundo nível de instrução não justificava a desagregação ao nível urbano e rural.

### **3.3-NÍVEL DE CONFORTO**

#### **3.3.1- Variação no índice sintético de fecundidade**

Para este ponto, que a seguir estará em análise, desejamos saber se o “bem estar” tem influencia sobre a fecundidade das mulheres cabo-verdianas. Para isso fomos á procura de variáveis que permitissem tal análise. No questionário para o Censo 2000 existem muitas variáveis que apesar de, isoladamente, isto é, por si próprias não são consideradas variáveis socioculturais que influenciam a fecundidade, porém, quando agrupadas jogam um papel não negligenciável sobre a fecundidade, permitindo assim atingir o objectivo proposto para este item.

Neste sentido, procuramos avaliar a influência do indicador “nível de conforto”, que é uma agregação de 10 variáveis <sup>39</sup>, referentes às mulheres cabo-verdianas que vivem em agregados com um determinado “bem estar”, em relação ao nível de fecundidade actual.

Esta análise será feita ao nível nacional, e a três grupos de nível de conforto a saber: baixo ou muito baixo, médio e alto ou muito alto. Segundo muitos estudos e o senso comum pensa-se que o nível de conforto influi muito sobre a fecundidade fazendo-a reduzir o seu nível. É neste sentido que propomos uma abordagem deste aspecto.

Em relação ao meio de residência, também será analisado, principalmente com o intuito de verificarmos se ainda a relação de que o nível de fecundidade ser mais elevado no meio rural que no urbano se estabelece com relação ao nível de conforto. Para isso vamos dispor do quadro 14 abaixo indicado que indica-nos a variação do nível de fecundidade por nível de conforto.

---

<sup>39</sup> Ver o relatório “condições de vida dos agregados familiares cabo-verdianos”.

<b>Quadro 09:</b> índice sintético de fecundidade por nível de conforto segundo meio de residência		
Nível de conforto	Urbano	Rural
Total	3,39	4,84
Baixo/Mto Baixo	4,51	5,04
Médio	3,13	3,52
Alto/ Mto Alto	2,32	2,81

Segundo o quadro 09 que apresenta o ISF por nível de conforto, mostra-nos que, aqui também como é de se “esperar” o nível de conforto tem uma influencia inversa sobre a fecundidade. Isto é, o facto delas possuírem um nível de conforto alto ou muito alto, que apesar de ser litígio o raciocínio de que elas têm melhores condições para dar uma vida digna aos seus filhos, e que podem sustentá-los em maior número, têm actualmente em média metade dos filhos (2,4) do que as com níveis baixo ou muito baixo (4,8 filhos médio por mulher).

Para finalizarmos, dizemos que é sem estranheza, que verificamos que o nível de conforto discrimina o nível de fecundidade tanto dentro, como entre meio de residência ou seja o nível de fecundidade varia consoante o nível de conforto. Isto é, em cada meio de residência a relação mantêm-se, e entre os meios de residência, as mulheres do meio rural são sempre mais fecundas do que as do meio rural, comparativamente ao escalão do nível conforto.

## **CAPITULO IV-TENDÊNCIA DA FECUNDIDADE**

Para a análise da tendência, vamos necessitar de dados sobre a fecundidade referentes a alguns períodos. Para isso, procuramos os dados que pudessem proporcionar uma comparação evolutiva de alguns indicadores da fecundidade.

Para introduzirmos o aspecto comparativo, que doravante passaremos a efectuar sempre que acharmos oportuno, precisamos que as fontes sejam comparáveis. Isto é, que o método de ajustamento dos dados utilizados nesta pesquisa produzam resultados fiáveis, e que os mesmos sejam coerentes com os doutras fontes. E, porque as fontes de que dispomos não fazem referência ao método de ajustamento e por forma a assegurarmos a coerência destes indicadores, vamos utilizar os nossos indicadores estimados, para os diferentes períodos que estarão em comparação. Salientamos, entretanto que só entraremos em mais detalhes, quando abordarmos o aspecto evolutivo do nível de fecundidade. Ponto esse que será abordado mais à frente neste documento.

Estaremos satisfeitos se a análise à tendência da fecundidade em Cabo Verde, for conseguido para o nível nacional, e para meio de residência. Entretanto, vamos tentar estender a nossa análise ao nível das ilhas. Neste percurso, há que realçar o problema da metodologia de ajustamento dos dados. O que pode por em causa a comparabilidade destes dados e/ou indicadores ao nível das ilhas. Mas, como achamos interessante esta abordagem contamos apresentar a evolução também ao nível das ilhas e imitiremos comentários, caso os resultados não forem coerentes.

Como procedemos anteriormente, com relação à hierarquização da análise, vamos também, e da mesma forma, começar com a análise do indicador “número médio de filhos por mulher”, em especial a descendência final (que representa a fecundidade passada) e a seguir o índice sintético de fecundidade (que representará fecundidade actual ou recente), para depois, terminamo-la, complementando-a, com a análise evolutiva do indicador idade média à procriação (IMP). Com isso, concluiremos a análise da tendência do nível de fecundidade, capítulo muito importante porque dá-nos a conhecer a tendência do nível da fecundidade e ajuda-nos a compreender para onde “estamos a caminhar” nesta matéria.

#### 4.1- Tendência do nível da fecundidade

##### 4.1.1- Examinada pelo número médio de filhos nascidos vivos atingidos.

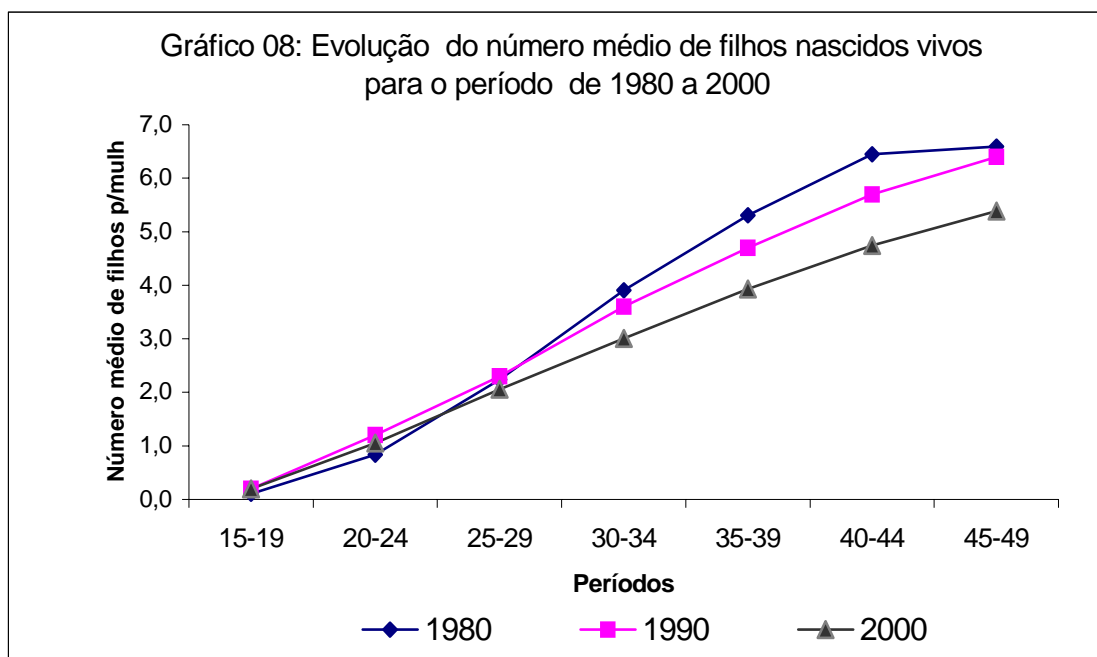
O Quadro 10 representa a evolução do número médio de filhos por idade da mãe, de 1980 a 2000. Os dados referentes a estes três períodos são provenientes dos Censos(Censo-80, Censo-90 e Censo-2000).

<b>Quadro 10:</b> Quadro evolutivo do número médio de filhos por mulher para os três períodos.			
ANO	1980	1990	2000
15-19	0,11	0,20	0,20
20-24	0,83	1,20	1,05
25-29	2,24	2,30	2,06
30-34	3,90	3,60	3,01
35-39	5,31	4,70	3,93
40-44	6,45	5,70	4,74
45-49	6,59	6,40	5,39
<b>Nacional</b>	2,8	2,1	2,8
D50	6,36	6,43	5,64

No quadro 10, dispomos do número médio de filhos nos diferentes períodos e a descendência final para os respectivos períodos. Dos dados de que dispomos, constatamos que, se considerarmos todas as mulheres juntas o número médio de filhos nascidos vivos por mulher é de 2,8. Curiosamente, em termo geral se tomarmos todas as mulheres este número médio de filhos é igual ao que se tinha registado em 1980 e até ligeiramente superior ao que se verificou em 1990 (2,1 filhos médio nascido vivo por mulher).

Mas atenção, porque é simplesmente uma primeira abordagem comparativa, avaliada por um quociente (Número de filhos nascidos vivos /Número de mulheres), ou se quisermos uma média. Se pretendermos ver melhor a evolução do número médio de filhos por mulher vejamos o gráfico 08 abaixo, para melhor compreendermos a evolução de 1980 para 2000.

**Gráfico 08:** Evolução do número médio de filhos por mulher para o período de 1980 a 2000.



Fonte: Quadro 10

Neste gráfico, constatamos alguns factos importantes: o primeiro é que, o número médio de filhos ou seja a paridade média atingida em 2000 cresce natural, e quase que linearmente com as idades de um grupo etário para outro.

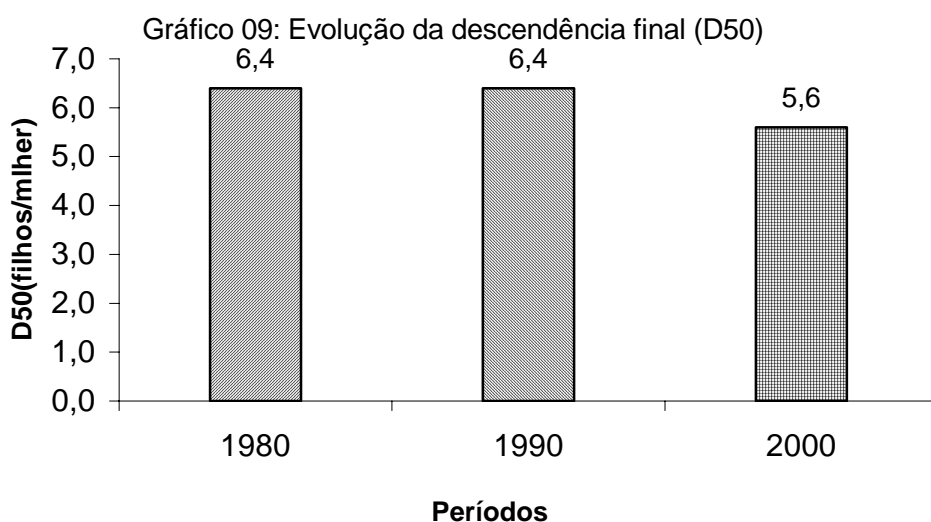
O Segundo, é que se pretendermos detalhar um pouco a nossa análise, entrando em especificidade, podemos constatar que o número médio de filhos vem baixando ao longo do tempo. O que confirma a hipótese de que cada vez mais as mulheres estão a ter menos filhos, evidenciando assim a pertinência deste gráfico. Podemos reparar, e em destaque, que a evolução (1980-2000), apresenta dois momentos distintos. O primeiro, é que por volta dos trinta anos aproximadamente, há um "ponto crítico" em que, antes do qual todas as três curvas estão quase que sobrepostas, querendo isso dizer que as novas gerações estão a seguir o comportamento das gerações mas antigas quando elas tinham a mesma idade. Ou seja, estão a ter praticamente igual número médio de filhos. E, um segundo momento, diz-nos que, a partir deste "ponto crítico" a diferença do número médio de filhos é nítida, sobressaindo a ideia de que a necessidade de planeamento familiar aumenta com a idade e com o número de filhos.

Se a este facto, juntarmos ainda o de que, a taxa de prevalência dos métodos contraceptivos, ou seja, o uso de métodos anticoncepcionais ser simultaneamente também mais frequente a partir dos trinta anos, concentrando-se mais nos grupos intermédios, onde é maior nos grupos 30-34 e 35-39, compreender-nos-íamos melhor o porquê da diferença do número médio de filhos evidenciado no gráfico 08. Contudo, convém frisar, que este aspecto vai estar ainda em evidência mais à frente quando abordarmos a evolução da estrutura de fecundidade.



Nota-se entretanto, que, numa análise mais fina podemos constatar que uma mulher que pertencia ao grupo dos 20-24 anos em 1980, tinha em média menos filhos do que uma da mesma faixa etária registado em 2000. Todavia, embora a diferença seja pequena, convém salientá-la, porque esta diferença, talvez possa ser explicada pelas gravidezes precoces das jovens (idade mediana das mães no nascimento do primeiro filho era de 20,8) ou seja a metade da população feminina têm o seu primeiro filho antes dos 21 anos. Se repararmos minuciosamente verificaremos também, que as jovens de 15-19 anos tinham, em média menos filhos nascidos vivos do que as de agora. E, se ainda juntarmos os diversos valores socioculturais que as mulheres tinham antigamente, principalmente a salvaguarda de alguns costumes por exemplo ter filhos só depois do casamento, facilitaria-nos ainda mais a compreensão. Este aspecto também será esclarecido no gráfico “evolução da estrutura de fecundidade” mais à frente.

No gráfico 09, que se segue, aparece mais uma fonte de comparação com intuito de evidenciar melhor a evolução da descendência final para o período 1980-2000.



Fonte: quadro 10.

Numa análise comparativa do indicador descendência final(D50) que designa o número médio de filhos esperados aos 50 anos (no fim da vida reprodutiva) também evidencia uma redução na fecundidade nesses 20 anos. Uma descendência média de 6,4 filhos por mulher em 1980 e 1990 mostra mais uma vez que o nível de fecundidade era relativamente elevado. A mesma descendência final que se verifica neste dois períodos deve-se ao facto de só a partir de 1980 o nível de fecundidade começara baixar e natural que a princípio seja lento. Actualmente esperava-se que as mulheres que chegaram ao ano 2000 com vida atingiam em média uma descendência de 5,6 filhos, portanto houve uma redução na descendência final de quase 1 filho médio por cada mulher.

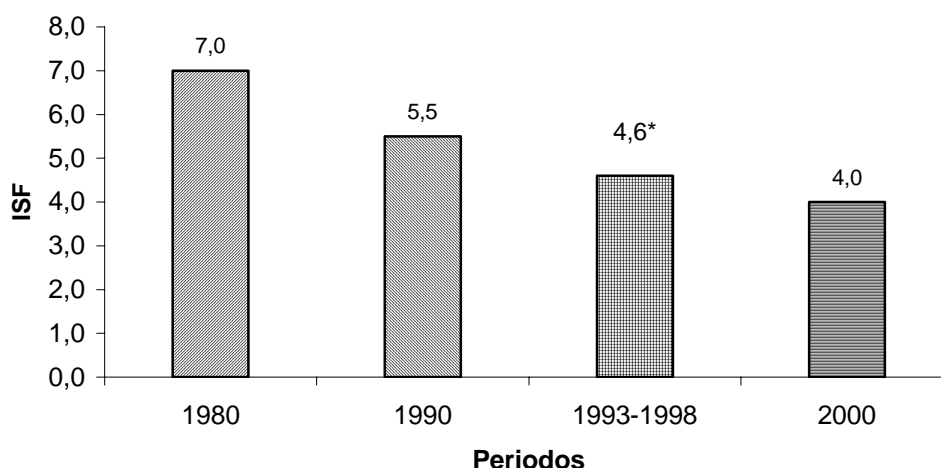
#### 4.1.2-Examinada por índice sintético de fecundidade(ISF)

##### 4.1.2.1 - Ao Nível nacional

O quadro 10 ilustra o índice sintético da fecundidade (ISF) para os períodos 1980, 1990, 1998 e 2000. Entretanto, antes de entrarmos na análise evolutiva, convém realçar que os dados relativos a 98 são provenientes dos últimos 5 anos anterior ao inquérito(na verdade é o valor do ISF corresponde ao meio período 1993-1998), pois achamos que é mais realista a comparação neste período, por ser de maior amplitude, do que no período de 1995-98 como consta no IDSR(em que o valor registado é de 4,03 filhos médio por mulher). Sendo assim os períodos ficam praticamente com a mesma amplitude, e dão uma melhor comparação evolutiva do nível de fecundidade.

O Gráfico 10 que se segue procura mostrar a evolução existente no Índice Sintético de fecundidade desde 1980 a 2000.

**Gráfico 10: Evolução de índice sintético de fecundidade de 1980-2000**



\* ISF Calculado pelo Sr Mady Biaye para os últimos 5(cinco) anos anteriores ao IDRS-98

Em confrontação com o gráfico anterior podemos constatar, que a evolução das dois indicadores(D50 e ISF) se concordam, talvez por causa do declínio da fecundidade. As mulheres cabo-verdianas têm actualmente em média cerca de 3 filhos a menos que as de há 20 anos atrás e reduziram exactamente o mesmo valor (1,5 filhos em média) da redução que se tinha verificado há 10 anos atrás e curiosamente quase a metade deste(0,6 filhos em média de 1995 para 2000). Se atendermos ao seguinte facto, isto é que a redução foi de 1,5 filhos médio por mulher de uma década à outra com a curiosidade duma redução para a metade em quase 5 anos(1995,5 para 2000), até parece razoável a seguinte conjectura: será que para 2005 a redução será a mesma de (1,5)?

Uma forma de se observar as tendências da fecundidade consiste na comparação entre a taxa de fecundidade (ISF) para períodos mais recentes e o número médio de filhos nascidos vivos (descendência final aos 50 anos), Mulheres nessa faixa etária, geralmente já completaram a sua vida reprodutiva, e o número de filhos nascidos dessas mulheres representa a fecundidade que prevaleceu no passado. Nesta óptica, sendo o ISF de 4,0 filhos médio por mulher actualmente e o número médio de filhos nascidos vivos atingido por mulher aos 50 anos é de 5,6, podemos aferir que houve um declínio de fecundidade em Cabo Verde nos últimos tempos, e a diferença entre a fecundidade actual e a passada é da ordem dos 29%<sup>40</sup>

#### **4.1.2.2- Urbano/Rural**

Concluída a análise evolutiva do nível geral de fecundidade para o período 1980-2000, vamos de seguida analisar como é que a urbanização afectou o nível de fecundidade nestes últimos 10 anos. Sublinhamos que, contávamos apresentar a evolução por meio de residência para os períodos 1980 a 2000. Mas de momento, pelas dificuldades ou mesmo inexistência de dados, não é possível dispor dados completos relativos ao Censo-1980 classificados por meio de residência.

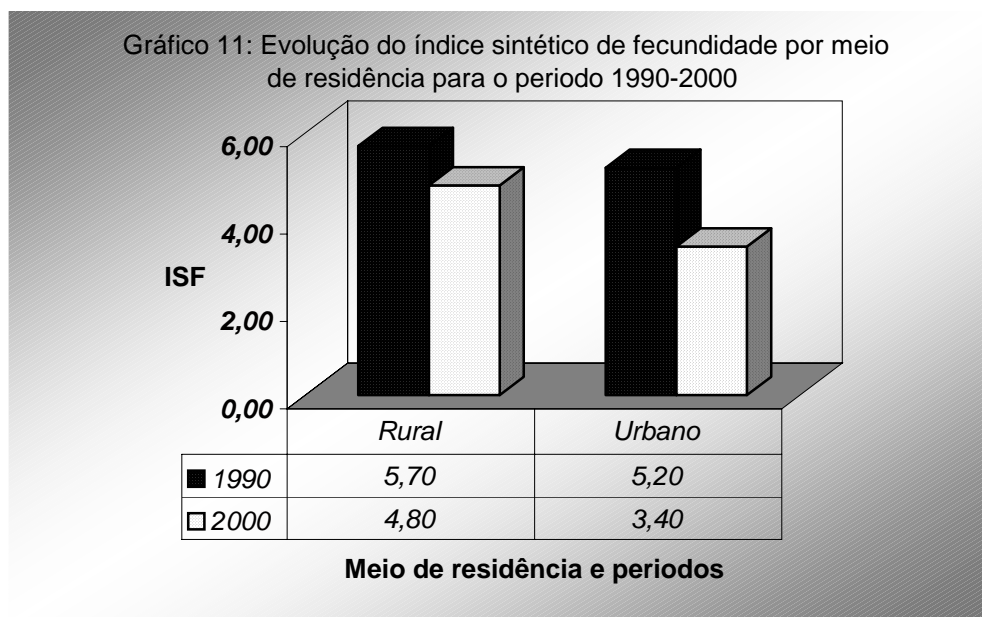
Nesta óptica, é-nos impossível apresentar uma comparação evolutiva por meio de residência para esses três períodos juntos, embora saibamos que em 1980, Cabo Verde era na sua grande maioria rural. Daí, a comparação irá ser feita com base nos últimos dez anos (1990 e 2000).

O processo de urbanização é cada vez mais complexo e mais acentuado. E, isto como é sabido, trás diversas implicações a mais diversos domínios, alterando mesmo os costumes do meio urbano.

---

<sup>40</sup>  $((5,6-4,0)/5,6)*100$

Gráfico 11 : Gráfico evolutivo do Índice sintético de fecundidade para o período 1990 a 2000 por meio de residência.



Para o total de país o nível de fecundidade medido pelo (ISF) teve um declínio nos últimos dez anos de aproximadamente 27%, sendo a magnitude desta diferença maior no meio urbano do que no rural. As mulheres do meio urbano reduziram o nível de fecundidade mais que o dobro das do meio rural. Isto é, uma redução 1,8(35%) filhos no meio urbano contra uma descida de 16% no meio rural. Nota-se entretanto que, já em 98 calculado para o período(1993-1998) esta redução era de 17,1% para o total de país.

Segundo o critério “fecundidade actual” (ISF), as mulheres cabo-verdianas tem actualmente em média 1,5 filhos a menos que a média considerada em 1990. Em termos absolutos podemos dizer que, se por um lado as mulheres modernas dos centros urbanos reduziram consideravelmente a sua fecundidade passando a registar em média 1,8 filhos a menos que há 10 anos atrás, por outro as do meio rural não “querem abrir à mão” à sua maternidade, pois ainda não diminuíram se quer um filho em média, na verdade a diferença é de exactamente 0,9 filho médio por mulher.

Deduzimos, portanto, que o fosso do nível da fecundidade verificado entre os dois meios conheceu três momentos distintos. Um primeiro, é que esta diferença não se fazia sentir com muita relevância em 1990, ou seja, o meio de residência não tinha muita influência na procriação das mulheres. As mulheres do meio urbano que, apesar de já eram mais instruídas, isto é, a taxa de analfabetismo já era menor no urbano do que no rural, tinham em média praticamente o mesmo número de filhos que as do meio rural.

Porém, se por um lado, uma definição mais restrita e precisa de urbano/rural permitiu uma melhor avaliação desta diferença, por outro, ela pode ser explicada talvez pela fraca taxa de prevalência dos métodos anticoncepcionais em 1990<sup>41</sup> e consequentemente uma baixa cobertura dos serviços de planeamento familiar, pois ainda este serviço é considerado como recente.

Um segundo momento, é que, esta diferença passou a ser mais evidente depois de 1990, mais precisamente em 1998, quando se testemunhou, através do IDSR-98, uma maior sensibilização e divulgação dos métodos contraceptivos principalmente no seio das mulheres casadas ou a viverem em união de facto (70% no meio urbano e 38% no rural).

Uma terceira fase, é que em esta diferença voltou-se a diminuir ligeiramente já em 2000, talvez justificada pelo facto de que os programas de sensibilização e utilização dos meios contraceptivos atingirem também em grande parte e com tendência para a massificação a população rural uma consequente uniformização dos meios. Facto esse influenciado sobretudo pelo aumento do nível de instrução da população rural. Ainda, na mesma abordagem e antes de concluirmos este aspecto é importante ressaltar uma redução considerável do nível de fecundidade verificada nas mulheres do meio urbano, acompanhada com uma redução ligeira no meio rural, que também é importante frisar.

No ponto anterior, abordamos a evolução do nível de fecundidade, à escala nacional. Para o ponto que se segue, contrariamente ao que tínhamos previsto na introdução deste capítulo, e da mesma forma que não abordamos o nível de fecundidade actual através do ISF, ao nível das ilhas devido aos problemas que algumas ilhas podiam causar ao indicador, principalmente as de grande pendor migratório e as pequenas ilhas, não o vamos abordar aqui. O que aliás, poderia introduzir, disparidades extraordinárias entre elas, no aspecto comparativo ou se quisermos evolutivo.

Se é certo que, ao nível nacional, cujos os dados são mais estáveis, conseguimos fazer esta comparação, em que deixamos claro que houve um declínio de fecundidade, de 1980 para 2000, e por isso, considerámo-la coerente, entretanto, não podemos garantir o mesmo, se desagregarmos ao nível das ilhas. Isto é, não asseguramos a consistência desta comparação ou evolução. Por esta razão ficamos ao nível nacional, urbano /rural.

Concluído o aspecto evolutivo do nível de fecundidade em que verificamos claramente que a redução da fecundidade é já uma realidade em Cabo Verde, vamos, agora neste ponto abordar a evolução para os mesmos períodos (1980 a 2000), numa outra perspectiva isto é, a evolução da estrutura de fecundidade.

Para o fazermos necessitaremos de dados respeitantes à taxa específica de fecundidade para estes diferentes períodos. Estando certo de que, as taxas de fecundidade por grupos de idades encontradas são comparáveis nestes três Censos, aliás, como já o era no ponto anterior, vamos proceder de seguida com análise da estrutura de fecundidade em Cabo verde.

---

<sup>41</sup> Segundo inquérito sobre a fecundidade realizado em 1988 a taxa de prevalência era de 16%, portanto pensa-se que em mais 2 anos pouco se tinha mudado. E, em mais 8 anos passados a mesma taxa foi estimada em 37%(1998).

## 4.2 - Tendência da estrutura da fecundidade

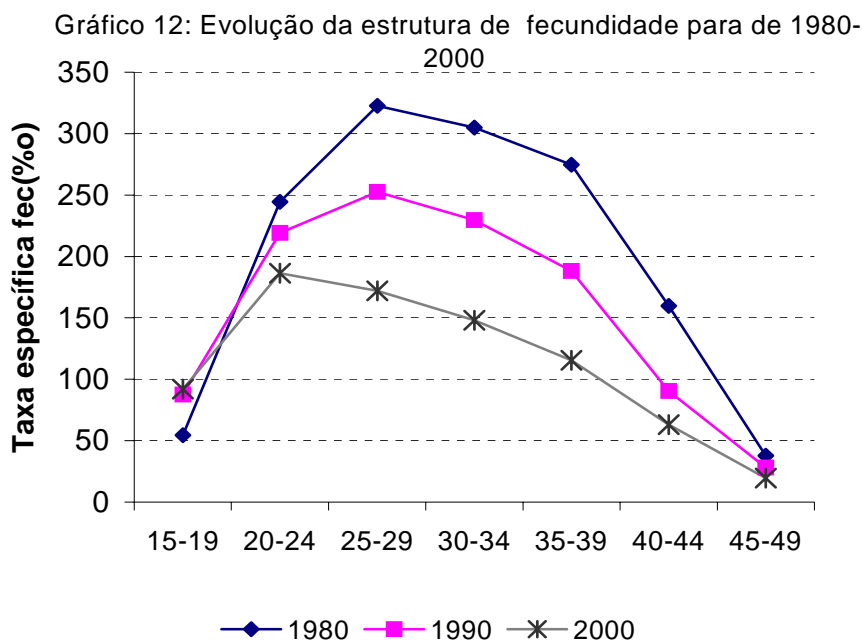
### 4.2.1-Examinada pela taxa específica de fecundidade por grupo etário ao nível nacional

Trata-se da evolução da tendência da estrutura de fecundidade ao longo de quatro momentos na história da fecundidade das mulheres cabo-verdianas. As taxas referentes aos períodos são provenientes dos três últimos Censos

Quadro 11: Evolução da estrutura da fecundidade (1980-2000)			
<i>Ano</i>	<i>1980</i>	<i>1990</i>	<i>2000</i>
15-19	54	88	92
20-24	244	219	186
25-29	323	253	172
30-34	305	230	148
35-39	275	188	115
40-44	160	90	63
45-49	38	28	20
ISF(filh/mulh)	6,99	5,48	3,98
IMP(anos)	30,9	29,1	29,2

Neste quadro, verificamos um declínio do nível de fecundidade de 1980 para 2000. Mas, como esta redução não é muito visível no quadro, vamos dispor dum gráfico que nos auxiliará a compreender melhor a evolução do nível de fecundidade por cada faixa etária da mãe nos períodos em análise. Sendo assim, o gráfico 12 indica-nos como é que se evoluíram as taxas de fecundidade por grupos etários para estes períodos.

Gráfico12: Evolução da estrutura de fecundidade para os períodos 1980 a 2000.



Fonte: Quadro 11

Da leitura deste vemos que, com exceção da fecundidade de menos de 20 anos, geralmente denominada por fecundidade precoce, que conheceu momentos diferentes ao longo destes últimos 20 anos, ou seja, quase que duplicou se compararmos o nível verificado em 2000 com o que se registava em 1980, significando por isso que as jovens de 15-19 anos estão a ter mais filhos(médio por mulher) que as de antigamente quando tinham a mesma idade. Nas restantes idades, a fecundidade conheceu reduções significativas.

É com especial atenção que verificamos ainda que, com exceção do grupo de 20-24 anos, em que a redução do nível de fecundidade é menor e que, curiosamente o valor registado em 2000, é o mesmo que o que se verificava em 1998, em todos os outros grupos de idade superiores registaram-se baixas importantes e contínuas das taxas específicas de fecundidade, que se acentuam ainda mais com o aumento de idades até aos 40-44 anos. No grupo 45-49 anos também se registou uma baixa considerável.

De um modo geral, e com intuito de quantificarmos o declínio das taxas específicas de fecundidade, o gráfico 12 mostra-nos que a fecundidade tem diminuído, substancialmente para as mulheres de 20 a 44 anos de idade, especialmente nos grupos etários de 25-29, 30-34, e 35-39. Nestes últimos, o declínio variou 47%, 52% e 58% respectivamente ao longo desses 20 anos, com variação quase que constante( a mesma) de uma década a outra conforme indica gráfico 12 acima.

Comparativamente aos dois Censos mais recentes que antecederam à data da realização do Censo-2000, verificaram-se três momentos distintos:

O primeiro é marcadamente “dominado” pelo grupo constituído por mulheres de 25-29 anos de idade que apresentava a mais alta taxa de fecundidade. O segundo (em 1998) é um período em que se verifica um ligeiro equilíbrio com tendência para a transição. Para depois, se verificar o terceiro momento em que, é uma situação inversa àquela que se tinha verificado anteriormente. Isto é, a situação mudou-se nos últimos 10 anos e, actualmente, são as mulheres pertencentes ao grupo etário de 20-24 anos que detêm a mais alta taxa de fecundidade. Embora a fecundidade neste grupo etário tenha-se variado pouco, correspondendo a uma baixa de 24%(58 filhos por cada 100 mulheres da mesma faixa etária) nos últimos 20 anos testemunhado pelo mesmo gráfico.

Em guisa de conclusão, podemos dizer que, a redução do nível de fecundidade ficou-se a dever principalmente à redução das taxas específicas de fecundidade nas mulheres com mais de 25 anos, que na verdade reduziram consideravelmente a procriação. Estes resultados satisfatórios podem ser considerados como fruto das importantes campanhas de planeamento familiar introduzidas e levadas a cabo pelos serviços competentes por toda a extensão do território nacional.

Porém, estes inegáveis esforços não parecem ter ainda consequências desejadas nas jovens adolescentes, que geralmente estão expostas a maior risco de gravidezes, pela sua vulnerabilidade, pois estão a ter filhos cada vez mais cedo, sendo que as várias directrizes apontam para o retardamento da reprodução.

Mas atenção, porque como já tivemos oportunidade de dizer neste documento este facto não significa necessariamente e por si só que haja um aumento do fenómeno “gravidezes precoce” mas sim é indicador de que há em 2000 maior volume de jovens raparigas em idade fértil a procriar. O que pode iludir-nos a concluir sobre um aumento fictício de gravidezes precoces. Não queremos dizer com isso que este aumento não possa vir a ler lugar, mas ainda não é o caso.

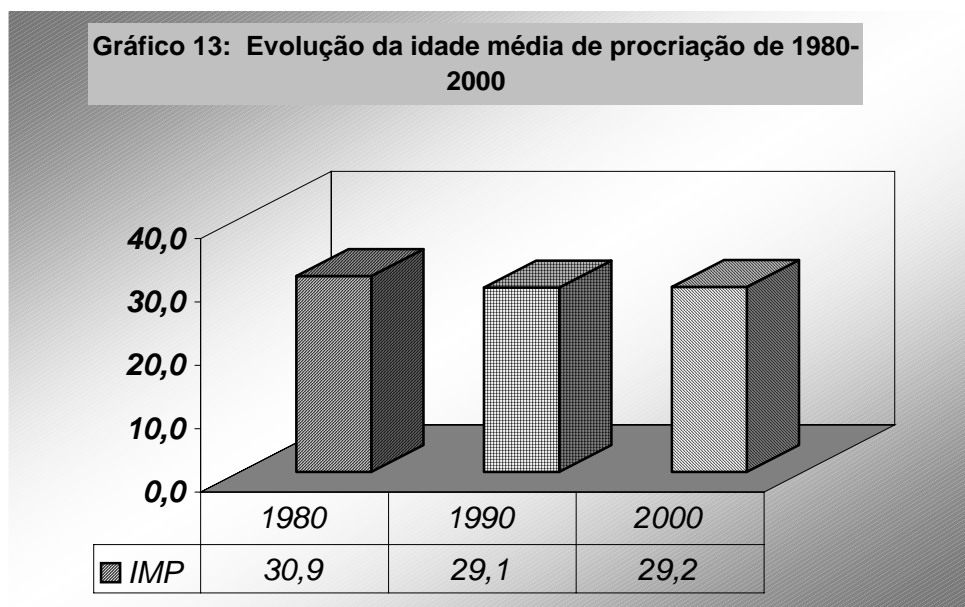
Uma outra conclusão que podemos tirar é que, se por um lado as mulheres cabo-verdianas estão a ter cada vez menos filhos, por outro é igualmente verdade que elas também, estão a tê-los cada vez mais cedo(explicado pela deslocação do ponto máximo da curva da taxa específica de fecundidade para grupo de idades mais jovens) e pelo decréscimo da idade média à procriação.

Concluindo a abordagem da tendência pelo indicador ISF podemos juntar a evolução da idade média de procriação, indicador que resume a estrutura da fecundidade e que nos vai ajudar a perceber melhor o calendário da fecundidade.



#### 4.2.2- Examinada pela variação da idade média à procriação ao nível nacional

Se nos limitarmos a análise à IMP como um complemento a tudo que já dissemos, o gráfico que se segue ilustra bem a evolução da mesma nos diferentes períodos de estudos.



A idade média de procriação passou de 30,9 anos em 1980 para 29,2 anos em 2000 o que traduz, num facto muito importante que é o seguinte: se por um lado a fecundidade está a diminuir, por outro as mulheres estão a ter filhos cada vez mais cedo, mas também terminam o processo reprodutivo cada vez mais cedo.

Numa análise descritiva do gráfico 13 podemos constatar que, a idade média à procriação(IMP) está a acompanhar a evolução o que é interessante, pois está-se assistir um processo de rejuvenescimento do calendário da fecundidade, embora com diferenças tipificadas de ilhas para ilhas como já é sabido.

Neste capítulo, reservamos ainda um tópico especial, para abordarmos o aspecto evolutivo da fecundidade dos adolescentes, devido a sua acrescida preocupação que se tem manifestado e pela merecida atenção que se tem verificado, através de número médio de filhos por mulher e também pela sua contribuição relativa na fecundidade geral em Cabo Verde.

### 4.3-Evolução do nível de fecundidade dos adolescentes

Os quadros que se seguem, pretendem por em evidência a evolução do nível de fecundidade entre os adolescentes.

**Quadro 12:** Número médio de filhos nascidos vivos por jovens raparigas atingido(1990-2000)

Grupo etário	<i>Urbano</i>		<i>Rural</i>	
	<i>1990</i>	<i>2000</i>	<i>1990</i>	<i>2000</i>
12-14	*	0,003	*	0,002
15-19	0,200	0,186	0,200	0,218

\* valor quase nulo ou quase nulo.

Comparativamente há dez anos atrás (Censo 1990) o número médio de filhos por jovem dos 12-14 anos também era praticamente insignificante (ou quase nulo), sem diferença significativa para as jovens de 12-14 anos de se considerarmos o meio de residência.

O mesmo, já não se pode dizer em relação ao grupo dos 15-19 anos que, de cada 5 raparigas desta mesma faixa etária tinham em média um filho nascido vivo ou seja (0,2 filhos nascidos vivos por mulher). A nível de meio de residência as jovens do meio rural tinham em média mais filhos nascidos vivos do que as do meio urbano.

Se pretendermos utilizar a taxa específica de fecundidade nos grupos dos adolescentes e a sua contribuição relativa para a fecundidade geral, vejamos a análise do quadro seguinte, que nos mostra a taxa específica de fecundidade por grupo de idade nos adolescentes e a contribuição relativa para cada meio de residência e para o total.

<b>Quadro 13:</b> Taxas específicas de fecundidade e a contribuição relativa das jovens na fecundidade das mulheres cabo-verdianas de 1990 - 2000.				
	<i>Urbano</i>		<i>Rural</i>	
Grupo etário	<i>1990</i>	<i>2000</i>	<i>1990</i>	<i>2000</i>
12-14	0,005	<i>0,001</i>	0,001	<i>0,001</i>
15-19	0,093	<i>0,083</i>	0,083	<i>0,104</i>
<b>Contribuição relativa(%)</b>	9,3	<i>12,3</i>	7,3	<i>10,9</i>
<b>Contribuição relativa(%) geral</b>	<i>8,7</i>	<i>13,2</i>	<i>7,6</i>	<i>10,5</i>

Em 1990, as raparigas do meio urbano e as do meio rural tinham comportamentos semelhante em matéria de fecundidade. Isto é, tinham em média praticamente quase o mesmo número de filhos. Estas jovens que no conjunto tinham uma contribuição apreciável sobre a fecundidade em Cabo Verde na ordem dos 8,1% em 1990<sup>42</sup>, viram as suas contribuições a subir. Elas passaram a assegurar actualmente, cerca de 11,6% do nível de fecundidade em Cabo Verde (deduzido do quadro 13). Neste sentido a seguinte questão pode-se ter lugar "será que a contribuição de 11,6% em 2000 é mais importante ou melhor, mais preocupante que a de 8,1% em 1990"? Em resposta a esta questão, podemos dizer que, em princípio é natural que este aumento tivesse lugar, devido ao aumento da população e consequentemente o maior volume das raparigas na idade reprodutiva.

Mas, deve ser relativizado e analisado em termos proporcionais, se este aumento é mais preocupante em 2000, podendo assim pensar num aumento das gravidezes precoces em relação ao que se tinha observado em 1990 ou se este aumento efectivamente não se tem lugar. Porque, apesar de se ter verificado "nas ruas" ou no dia a dia muitas jovens grávidas, talvez não seja tão preocupante como se quer parecer.

<sup>42</sup> Percentagem calculada com base nos nascimentos vivos registados no Censo 90.

Para justificarmos este facto e respondermos uma das questões deixadas nos capítulos anteriores vamos socorreremo-nos a uma fórmula matemática<sup>43</sup> muito importante, pois ajuda-nos a avaliar melhor a “expressão” ou a significância deste aumento. Segundo o critério de avaliação, se o quociente for maior que a unidade há razões ou evidências para que seja muito provável o aumento das gravides precoces. Se for menor que unidade, não há razões para dizer que este fenómeno têm lugar pelo menos até a data em questão.

Neste sentido o quociente calculado foi de 0,698, portanto menor que a unidade. Pelo facto, concluímos que não há razões para pensarmos que as gravidezes precoces aumentaram no período 1990-2000. Ou seja, quer dizer que proporcionalmente as gravidezes precoces em 1990 é maior que o que se verifica em 2000. Aliás, como é consensual com IDSR-98, e com a perspectiva de que não haverá aumento das gravidezes precoces em 2000. Pela analogia do raciocínio podemos dizer que não há evidências para se crer num aumento das gravidezes precoce no meio urbano como se parece transparecer.

---

<sup>43</sup>  $a(100-b)/b(100-a)$  em que **a** representa a contribuição relativa(%) ou a proporção em 1990 e **b** representa a contribuição relativa(%) ou a proporção em 2000 (se considerarmos estes dois períodos)

## **PRINCIPAIS RESULTADOS**

### **SÍNTESE E CONCLUSÃO GERAL**

Neste trabalho, que ora terminou importa dizer que, apesar de algumas dificuldades que sentimos e pela inexperiência na matéria, por se tratar exactamente, de um tema puramente demográfico, pensamos que o objectivo foi cumprido e que o mesmo, serviu sobretudo para a capitalização de experiências no domínio de análise de dados.

Nele, a nossa maior preocupação é a de proporcionar aos investigadores e utilizadores em geral uma estimativa do nível de fecundidade para o todo nacional e ao nível de algumas desagregações administrativas do país.

Tivemos ainda a preocupação de apresentar a tendência e alguns aspectos diferenciados da fecundidade. Não abordamos a infecundidade, porque pelo nível observado deste fenómeno parece-nos que não constitui motivo de análise e de muita preocupação se o compararmos com o observado em alguns países da África. Salientamos contudo, que fizemos uma abordagem sucinta a este respeito aquando da abordagem do tópico “probabilidade de alargamento das famílias” no capítulo II.

O documento que agora se conclui teve por base a análise dos dados a partir do Recenseamento Geral da População e Habitação(RGPH-2000) realizado em Cabo Verde de 16 a 30 Junho de 2000, donde passamos a citar algumas conclusões:

☛ A síntese da avaliação de dados relativos à natalidade e fecundidade parece ter transparecer um sub-registo dos nascimentos nos últimos 12 meses, o que aliás, infelizmente, ainda é comum a muitos países. Daí, que tivemos a necessidade de recorrermos ao método de ajustamento “Arriaga a três períodos”(AREF-3).

#### **A - O Nível de Fecundidade em Cabo verde/Evolução**

- 1.1- A taxa bruta de natalidade é estimada em 29,3 filhos por cada mil habitantes.
- 1.2- A taxa bruta de reprodução é de 1,94 meninas por mulher
- 1.3- Da apresentação do nível de fecundidade, depreende-se que ela está em pleno declínio.

2- Após uma longa trajectória duma estabilidade relativamente elevada do nível da fecundidade no passado, deu-se início em Cabo Verde, mais precisamente a partir de 1980, um consistente e contínuo declínio das do nível de fecundidade em todas as ilhas do país, e inclusive em suas áreas rurais. Isto é:

2.1- Iniciou-se a fase de transição demográfica com as seguintes componentes:

- a) - um período em que a mortalidade declina e, a natalidade permanece num nível elevado e em que existe um importante crescimento demográfico;
- b) - um período em que a mortalidade continua o seu declínio e a natalidade começa a declinar o crescimento da população continua mas em proporções inferiores ao período anterior.

2.2 - O nível de fecundidade passou de 7,0 filhos médio por mulher em 1980 para 5,5 em 1990 e depois para 4,0 filhos médio por mulher estimado em 2000. Apesar das diferenças, a tendência ao declínio foi geral e constantes para todas as camadas e áreas geográficas do país;

2.3 - O nível de fecundidade sofreu reduções fortes de 1,5 filhos médio por mulher de uma década à outra;

2.4 - A descendência média atingida(D50) era relativamente elevada no passado, passando de 6,4 filhos médio nascido vivo em 1980 para 5,6 em 2000, o que demonstra uma grande redução no número de filhos;

2.5- Um corolário dos dois pontos anteriores é que as mulheres estão a ter cada vez menos filhos.

## **B- Estrutura de Fecundidade em Cabo verde/Evolução**

3. Em Relação à estrutura da fecundidade, destaca-se o seguinte:

3.1-A Estrutura de fecundidade cabo-verdiana é tipicamente duma população em ascensão na cultura do uso dos métodos anticoncepcionais;

3.2- a mesma sofreu uma translação ou deslocamento do ponto máximo de fecundidade para a esquerda;

3.3—Uma consequência imediata dos dois pontos anteriores é que, actualmente são as mulheres dos 20-24 anos que detêm o maior nível de fecundidade em cabo Verde, observa-se também que nesta faixa etária a taxa de nupcialidade é forte e nota-se que 35% das mulheres nesta faixa etária encontra-se a viver em união(ver o tema de Nupcialidade).

### **C- Variação da fecundidade segundo os seus determinantes.**

4- Factores económicos, sociais e culturais entre os quais a urbanização, o nível de instrução, e o nível de conforto, como era de se esperar jogaram os seus papéis, e são tidos como os principais responsáveis pela forte baixa verificada no nível de fecundidade em Cabo Verde.

4.1-O ISF variou de 4,8 no meio rural para 3,4 no meio urbano, ou seja 1,4 crianças a menos(29%),

4.2- Da mesma forma, o nível de instrução teve um papel preponderante na redução do nível de fecundidade fazendo com que ele passasse de 4,7 filhos médio por mulher sem nível ou com nível pré-escolar, para 2,8 filhos médio por mulher com o nível secundário. O mesmo indicador situou-se em 2,2 filhos médio por mulheres com nível médio ou superior.

4.3- O nível de conforto também fez reduzir fortemente o nível de fecundidade. Ou seja, a fecundidade varia também segundo nível de conforto fazendo com que ele passasse de 4,8 filhos médio para as mulheres com nível de conforto baixo ou muito baixo para exactamente a metade(2,4) nas mulheres com nível de conforto alto ou muito alto.

4.4- O conhecimento e o uso dos métodos anticoncepcionais, também mereceram destaque na redução do nível de fecundidade.

A síntese que acabamos de apresentar e as análises feitas anteriormente no decorrer deste estudo poderão ajudar de uma forma ou de outra as forças vivas deste país na elaboração e no empreendimento de alguns programas da política de população em Cabo Verde.

Convém tecer ainda, para finalizar, uma apreciação quantitativa aos objectivos preconizados na Política Nacional da População. É assim que, um dos objectivos específicos proposto no âmbito do PNP, o de "reduzir o nível de fecundidade de 5,8 filhos por mulher em idade de procriar para 4,7 em 2000", foi efectivamente estimado, em 4,0 filhos médio por mulher no Censo 2000. Relativamente à redução do nível de fecundidade de 1995-2000 em cerca de:

- "20% para as mulheres de idade igual ou inferior a 20 anos"; e
- "50% para as de 35 anos ou mais", foram estimados em cerca de 12% e 13% respectivamente para o Ano 2000.

Em relação ao terceiro objectivo proposto no âmbito da fecundidade, isto é "aumentar até ao ano 2000 a cobertura de PF de 20%, por ano", cabe dizer aqui, que a sua avaliação transcendeu o quadro dos objectivos desta pesquisa.

Importa, entretanto salientar em guisa de conclusão final que, seria útil de se fazer acompanhar a este estudo um outro mais aprofundado a partir dos dados de Recenseamento apresentados neste documento por ser a melhor e a mais actualizada fonte de que dispomos neste momento. Este estudo necessita-se portanto de inquéritos qualitativos, para melhor conhecer os determinantes do nível e da tendência da fecundidade em Cabo Verde, e procurar justificar algumas situações que transcenderam o âmbito deste estudo, como aliás foi o caso de Inquérito Demográfico e Saúde Reprodutivo (IDSR-98).

Para finalizarmos gostaríamos de sublinhar que, com esta pesquisa o Instituto Nacional de Estatística cumpriu assim mais um grande objectivo que tinha preconizado para este estudo. Isto é, proporcionar estimativas no nível de fecundidade em Cabo Verde para o ano 2000.



## ***Anexo***

**Anexo 01:** Variação da Probabilidade de alargamento da família( $a_n$ ), por número de nascimento segundo a ilha.

N.º de filhos	S.Ant	S.Vic	S.Nic	Sal	B.Vist	Maio	Santi	Fogo	Brava	C.Verde	
										Urba	Rural
0	0,954	0,955	0,943	0,948	0,875	0,944	0,960	0,929	0,933	0,947	0,955
1	0,969	0,944	0,956	0,952	0,949	0,966	0,960	0,944	0,929	0,925	0,964
2	0,951	0,924	0,950	0,922	0,934	0,954	0,942	0,941	0,921	0,904	0,953
3	0,946	0,900	0,931	0,897	0,910	0,929	0,925	0,924	0,891	0,874	0,939
4	0,919	0,869	0,890	0,898	0,876	0,899	0,894	0,893	0,889	0,847	0,908
5	0,891	0,849	0,870	0,858	0,863	0,838	0,852	0,842	0,832	0,810	0,865
6	0,863	0,804	0,823	0,840	0,818	0,788	0,810	0,818	0,787	0,758	0,825
7	0,803	0,759	0,784	0,791	0,760	0,768	0,753	0,756	0,774	0,694	0,770
8	0,725	0,708	0,724	0,716	0,692	0,686	0,680	0,703	0,747	0,648	0,701
9	0,688	0,666	0,632	0,676	0,598	0,638	0,621	0,645	0,696	0,648	0,642
10	0,595	0,584	0,610	0,620	0,509	0,543	0,524	0,526	0,575	0,566	0,546

**Anexo 02:** Número médio de filhos por mulher segundo meio de Residência.

	Total	Urbano	Rural
<i>Total</i>	2,79	2,48	3,18
12-14	0,00	0,00	0,00
15-19	0,20	0,19	0,22
20-24	1,05	0,95	1,22
25-29	2,06	1,87	2,36
30-34	3,01	2,79	3,30
35-39	3,93	3,70	4,25
40-44	4,74	4,44	5,11
45-49	5,39	5,05	5,73

**Anexo 03:** Taxa Global de fecundidade e taxa bruta de natalidade por ilha --  
Censo 2000

<i>Ilhas</i>	S.A	S.V	S.N	Sal	B.V	Maio	S.T	Fogo	Brava	Cabo Verde	
										urban	rural
TBN(%o)	23,0	22,3	24,2	32,2	17,9	13,2	32,5	32,9	24,9	28,0	30,9
TGF(%o)	117,7	86,5	117,9	129,1	85,0	127,8	132,6	144,0	109,4	108,0	144,6

S.A= Santo Antão, S.V= S.Vicente, S.N= São Nicolau, S.T= Santiago

**Quadro 04:** Índice sintético de fecundidade e taxa específica de fecundidade por grupo etário segundo a ilha.

Grupo etário	S.Ant	S.Vic	S.Nic	Sal	B.Vist	Maio	Santi	Fogo	Brava	C.verde	
										Urban	rural
15-19	0,107	0,069	0,086	0,089	0,083	0,142	0,100	0,076	0,070	0,083	0,104
20-24	0,180	0,141	0,175	0,186	0,128	0,184	0,197	0,231	0,183	0,156	0,235
25-29	0,151	0,131	0,162	0,175	0,102	0,177	0,181	0,232	0,180	0,153	0,203
30-34	0,123	0,093	0,115	0,174	0,070	0,111	0,165	0,190	0,054	0,129	0,174
35-39	0,086	0,054	0,067	0,114	0,066	0,104	0,128	0,193	0,117	0,097	0,141
40-44	0,050	0,024	0,030	0,034	0,052	0,048	0,073	0,092	0,054	0,044	0,086
45-49	0,029	0,011	0,014	*	0,018	*	0,019	0,033	0,026	0,016	0,024
ISF	3,631	2,620	3,690	3,857	2,600	3,833	4,312	5,239	3,416	3,39	4,84

\*taxa muito pequena (quase nula)

Anexo 08: Mulheres de 15– 49 anos segundo a ilha e meio de residência

Ilhas	Maio	Sant	Fogo	Brava	Sto Antão	S.Vic	Boa vista	Sal	S.Nicol	Cabo verde	
										urbano	rural
Total.	996	82495	13008	2300	15170	24863	1451	4847	4815	84096	67300
15-49	697	57710	8550	1549	9198	17183	888	3640	2801	60373	42805
NR	3	342	26	20	27	73	8	9	7	318	202

NR= mulheres cujo idades são desconhecidas

## BIBLIOGRAFIAS

- λ Casimiro F., Manual sobre Controlo de Qualidade e Difusão de Resultados dos Recenseamentos da População e Habitação, CESD, 1997
- λ Dackam Ngatchou R., Analyse, Difusion et Utilisations des Donnees du Recensement, CST/FNUAP, Dakar, 1999
- λ Plano Nacional de Desenvolvimento 1997-2000, Ministério da Coordenação Económica
- λ Principles and Recomendations for Population and Housing Censuses, Revision 1, Series M n.º67/Ver.1, United Nations, NY, 1998
- λ Plano Acção da Política Nacional da População 1995-2000, Ministério da Coordenação Económica- Direcção Geral de Plano.
- λ Inquérito Demográfico e de Saúde Reprodutiva- Cabo Verde- IDSR-98